



# Cronotopias contemporâneas: refrações do GEBAP

• • • • •  
Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa

FABIANA GIOVANI · MOACIR LOPES DE CAMARGOS (ORGS)



**Pedro & João**  
editores

**Cronotopias contemporâneas:  
Refrações do GEBAP  
Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa**



**Pedro & João**  
editores



**Fabiana Giovani  
Moacir Lopes de Camargos  
(Organizadores)**

**Cronotopias contemporâneas:  
Refrações do GEBAP  
Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa**



**Pedro & João**  
editores

## Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Fabiana Giovani; Moacir Lopes de Camargos [Orgs.]**

**Cronotopias contemporâneas: Refrações do GEBAP (Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa).** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 101p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-85-7993-888-7 [Digital]**

1. Cronotopias contemporâneas. 2. Grupo de estudos. 3. Estudos bakhtinianos. 4. Mikhail Bakhtin. I. Título.

CDD – 410

---

**Capa:** Alain Maras

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajéu – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

### **Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajéu (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2022

## **Apresentação**

Os textos desta coletânea são parte das reflexões que iniciamos em 2011, ano em que foi criado o grupo GEBAP – Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa, sob a responsabilidade da professora Fabiana Giovani e do professor Moacir Lopes de Camargos. Pelo fato da Universidade Federal do Pampa (nossa referência no momento de criação do grupo), Campus Bagé, RS, estar situada próxima (60 km) da fronteira do Brasil com o Uruguai, este cronotopo foi/é parte constante de nossos diálogos.

De 2013 a 2015 produzimos diversos textos, mas eles ficaram na gaveta, ou melhor, nas nuvens ou em algum arquivo adormecido. Eis que (re)encontramos as nossas conversas e decidimos apresentá-las aos leitores/as interessados/as, mesmo que muitos de nós já estejamos em outros cronotopos, em outros diálogos, imersos em outros enunciados...

Nossas conversas começam com Bakhtin e seu círculo e tecem compreensões com diversos outros autores bakhtinianos como Geraldi, Ponzio, Miotello, Petrilli dentre outros pesquisadores e filósofos que encontramos pelos nossos caminhos como o EEBA e o Rodas.

Enfim, eis nossas velhas palavras de um tempo outro (atual) para que sejam lidas/ouvidas de modo a surgir outras contrapalavras.

GEBAP



## Sumário

<b>Gebap – Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa</b>	<b>9</b>
<i>Fabiana Giovani</i>	
<i>Moacir L. de Camargos</i>	
<i>Jociele Corrêa</i>	
<i>Letícia G. Peres</i>	
<i>Cássia R. Gonçalves</i>	
<i>Fernando V. Vieira</i>	
<b>Quem conta um conto...</b>	<b>15</b>
<i>Fabiana Giovani</i>	
<i>Moacir Lopes de Camargos</i>	
<i>Cássia Rodrigues Gonçalves</i>	
<i>Rodrigo Bazerque</i>	
<i>Bianca da Graça Rosa Coelho</i>	
<i>Jociele Correa</i>	
<i>Nathan Bastos de Souza</i>	
<i>Tatiele Marques</i>	
<i>Fernando Vargas Vieira</i>	
<b>GEBAP (Grupo de estudos bakhtinianos do Pampa): responsabilidade e responsabilidade na formação docente</b>	<b>27</b>
<i>Moacir L. Camargos</i>	
<i>Fabiana Giovani</i>	

**O mínimo da vida, um coro de vozes: a  
experiência própria e a experiência outra  
na nossa relação (amorosa) com Bakhtin** 41

*Fabiana Giovani*

*Nathan Bastos de Souza*

*Rebeca Teliz*

*João Beyer Schenkel*

**Identidades e alteridades fissuradas: a  
mulher trans crucificada** 53

*Cássia R. Gonçalves*

*Nara Oliveira*

*Nathallia Lacerda*

**Zaratustra: o profeta carnavalizado** 69

*Fernando V. Vieira*

**A história em que estamos embebidos: o  
Gebap e a roda bakhtiniana no Pampa** 87

*Nathan B. Souza*

*Cátia C. P. Diogo*

*Rebeca K. T. Goulart*

*Rosiane G. S. Sandim*

**GE**B**AP (Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa):  
nosso círculo bakhtiniano na Contemporaneidade –  
nosso compromisso político a partir de uma produção  
es(é)tética**

Fabiana Giovani, Moacir Lopes de Camargos, Jocielle  
Corrêa, Letícia Garcia Peres, Cássia Rodrigues  
Gonçalves, Fernando Vargas Vieira  
Universidade Federal do Pampa -  
UNIPAMPA (Campus Bagé-RS)



Um **G**ru**p**o que procura  
dialogar sobre questões **E**stéticas, éticas, literárias e  
educacionais

sob uma ótica **B**akhtiniana

Pois acreditamos ser esse o nosso **A**to responsável acima de  
tudo:

## PENSAR!

Ser sujeito responsável na Contemporaneidade  
Como responder responsabilmente?  
Num mundo de *vertigem*,  
Progresso  
Novo agora  
Obsoleto pouco depois  
Mesmo correndo o risco de cairmos na obsolescência  
deixamos aqui nossa contribuição estética  
e nossa responsabilidade

**GEBA**P, vamos carnavalizar?

Somos alunos,  
professores,  
pesquisadores,  
e o **lattes**  
tenta nos ditar  
formas de agir  
escrever,  
produzir,  
mas não cala a nossa forma de  
Sujeitos únicos, múltiplos, constituídos na alteridade  
pensar,  
sentir,  
expressar  
com  
**PALAVRAS**  
Acrosticamente:

P  
TRANSFORMAÇÕES  
L  
SOCIAIS  
V  
R  
Avidas de  
SENTIDO

em contextos  
com textos  
sem falsos  
pretextos  
com interlocu(a)ção  
presente  
no olho se  
sente  
gente  
contempla  
com o grande  
tempo e  
sujeitos inter  
agem com  
a linguagem  
que os constitui  
se definem, se inventam e reinventam  
dialogam  
com várias vozes  
em um mundo plural  
sujeito plural  
que clama pela unicidade  
sujeito único

**discursos** vários  
não apenas mais um  
**sujeito**  
mas

O **sujeito** que  
inter(age)  
no mundo real virtual

O **sujeito** que  
dialoga  
com várias **culturas**

O **sujeito** que  
dá forma a sua **consciência**  
na fluidez de suas relações sociais  
redes sociais  
ambientes virtuais de inter(ação)  
conteúdo  
e forma de discurso  
que refletem e refratam  
nossa comunicação  
socio-ideológica

O **sujeito** ideológico  
do por-vir  
que busca no outro  
a sua completude  
Excedente de visão  
Incompletude fundante  
do homem  
que mobiliza

o desejo do  
acabamento

O **sujeito**  
da educação  
autônomo  
construtor de reflexões  
de conhecimentos  
na pela e da  
LINGUAGEM

**Sujeitos** de ontem,  
Hoje,  
Amanhã.  
Quem sou eu?  
Quem somos,  
Nós?  
Somos  
Eu  
Eu e minha palavra  
Que me entrega, que me mostra  
**Que me faz ser Outro (S),**  
Eu sou o outro e,  
Sou Eu também  
Eu sou único,  
Irrepetível,  
Compartilhado.

(**Com**) partilhe  
de nossos passos  
(**des**) comportados  
no **GEBA**P

Nosso compromisso político  
Nossa compreensão ativa  
*E que venham as contrapalavras!*

**Quem conta um conto, aumenta um ponto,  
mas não distorce o conto...<sup>1</sup>**

Fabiana Giovani, Moacir Lopes de Camargos, Cássia Rodrigues Gonçalves, Rodrigo Bazerque, Bianca da Graça Rosa Coelho, Jocielle Corrêa, Nathan Bastos de Souza, Tatiele Marques, Fernando Vargas Vieira

**Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa – GEBAP**

Era uma vez, lá pelas terras onde morava o índio Ibagé, o mundo via nascer um novo reino, num lugar fronteiro e distante no pampa gaúcho. E como em qualquer reino que se preze, somente os que pertenciam à monarquia tinham acesso à educação (nível fundamental, médio e superior). Então, alguém não pertencente à nobreza começou a perguntar-se: podemos chamar esse lugar de Rainha da Fronteira? E assim foi feito...

Dois séculos se passaram e tudo continuava exatamente igual: os títulos de soberania (ou seriam os sobrenomes? ou seria o status quo?) mantinham o poder e cada família tinha um ramo, herdado de seus parentes. E assim tudo estava em “perfeita” harmonia, até que os

---

<sup>1</sup> GIOVANI, F. CAMARGOS, ML. CORREA, J. PERES, L., GONÇALVES, C. BAZERQUE, R.; COELHO, B. CORREA, J. SOUZA, N.B.; MARQUES, T.; VIEIRA, F. Quem conta um conto, aumenta um ponto, mas não distorce o conto. In: Kátia Regina Franco; Luciano Novaes Vidon; Vivian Pinto Riolo [Orgs.]. **II Encontro de estudos bakhtinianos. Vida, cultura, alteridade.** [Encontro Bakhtiniano com a Vida, a Cultura e a Alteridade. EEBA/2013-Caderno 1]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

“súditos” saíram às ruas e, na praça central do reino, ouviram um presidente (rei?) proletário anunciando a criação de uma universidade (o que era universidade? não sabiam ao certo...) que traria o progresso não só para o reino, mas para toda a região esquecida.

Essa promessa foi vista, desde o início, pelos mais conservadores (ou desinformados), como um fato estranho à cidade. Como uma promessa descabida para um reino que precisava de “coisas-mais-importantes” e imediatas (como, por exemplo, ouro e casacos de pele). O progresso prometido pelo rei proletário (?) levou tempo para ser apreciado.

A tal da universidade pairava no ar, como o pé-de-feijão de João: nas nuvens. O povo não conseguia apreciar de imediato as suas estruturas, pois elas demoraram para serem construídas. Seus ensinamentos custaram a ser compreendidos, já que muitos eram inovadores e excêntricos. Pessoas estranhas (algumas chamadas de mestres e outras de doutores), com seus “vixes”, “meu” “uais” e “nossinhas” passaram a caminhar pelas ruelas da província em suas ruas tortas, batendo em suas porrrtas morrrtas, refletindo em suas luas amorrrrfas... serenatas de sotaques.

As terras, que antes pertenciam à nobreza, vieram a ser compartilhadas com os exóticos visitantes e, devido a isso, começaram a pertencer a um maior número de pessoas. A educação, antes de privilégio dos abastados, tornou-se de acesso facilitado para todos que desejassem conhecer mais a respeito do mundo, fossem pobres ou ricos, mulheres ou homens, brancos ou negros, homossexuais ou heteros.

O fato curioso é que atualmente (2013), sete anos após a chegada da universidade na região, uma parte do condado permanece sem condições adequadas de saneamento básico. Ainda sofre com o problema histórico da seca e da falta d'água, e a base da economia continua agrícola. Faltam também profissionais qualificados em certas áreas e a renda continua centrada nas mãos de poucos soberanos (quase Czares) que se orgulham em ser da nobreza, com sobrenome tal...

Mas retomemos a história, ainda dentro da universidade, grupos de pensadores surgiram. Pessoas dispostas a refletir acerca do mundo interior, do mundo da cultura e da vida. Nesse lugar que estamos hoje, como um grupo de pessoas (proletárias, nobres, heterogêneas), temos o privilégio de observar e presenciar as diferentes vozes que ecoam, dialogam e conflituam-se entre si em nossa vida cotidiana.

Assim, criou-se o GEBAP - Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa - com a chegada de dois forasteiros vindos de reinos longínquos. Surgia, então, a promessa de um futuro diferente (melhor? ao menos mais reflexivo...) para os habitantes do povoado. Um reino onde a opressão e a desigualdade dariam lugar para um tempo de aprendizagem, utopia e esperança.

Esses bárbaros forasteiros se constituíram a partir de ideologias cotidianas diferentes, já que um era boia-fria e a outra era operária e, por conseguirem quebrar os padrões dominantes (!), resolveram instalar-se por aqui, por meio da universidade trazida pelo presidente (com apoio do prefeito proletário), com o anseio de fazer a diferença, especialmente, nesse reino por muito tempo esquecido.

Tal tentativa só seria possível com a ajuda de um filósofo da linguagem, também originário da periferia do poder, do exílio e da perseguição política, lá das bandas do reino de “Tão, tão distante”, em uma época já secular. Assim, os dois forasteiros (como o flautista mágico de Hamelins hipnotizou os ratinhos) conseguiram recrutar (junto às forças revolucionárias) para esse diálogo simpatizantes que, embora nativos do reino, já olhavam para o mundo de um outro lugar, de um outro contexto exotópico, uma vez que acreditavam não ser apenas vassalos do rei, não se prestavam à domesticação.

Hoje, em 2013, o grupo de estudos já está com dois anos de caminhada e em nossos encontros quinzenais, procuramos dar nossas contrapalavras a esse(s) pensador(es) (Bakhtin e seu círculo) que formulou uma grande reflexão a partir do contexto em que vivia. Assim, do lugar ativo que ocupamos nesse reino, procuramos dar nossa resposta responsável, não somente para o nosso reino, mas para o mundo. Ao pensar no reino e na temática “vida, cultura e alteridade” na contemporaneidade, perguntamos qual a visão de cada um que ocupa um lugar nesse reino:

Nesse reino eu sou simpatizante, forasteira e mãe. Isso mesmo, mãe! Sonho, desejo e imagino um reino melhor para os meus filhos. Um reino onde eles possam fazer e ser parte. Um reino onde o sobrenome não tenha mais tanto peso. Um reino onde a pompa dê lugar para a diferença. Um reino onde meus filhos não sejam excluídos porque seus pais ainda acreditam no ensino público. Não posso ficar somente no sonho e no desejo, preciso agir! É isso que estou tentando fazer com a minha humilde participação no GEBAP e a constante insistência com

meus filhos, para que eles pensem e falem, não necessariamente nessa ordem. Para que eles questionem quando acreditarem que é preciso. Nesse reino eles não têm papel fixo e nem ramo para herdar. Esse reino é deles!

Como pensadora e simpatizante, sou a curandeira do reino. Faço questão de demarcar meu gênero, pois, antes de tudo, quero mostrar que no GEBAP, como no Círculo de Bakhtin (representado pela pianista Maria V. Yudina) há a presença de mulheres filósofas, pesquisadoras e feiticeiras. Acredito que as concepções de gênero (feminino e masculino) são constituídas discursivamente na linguagem, na cultura e na ideologia. Acredito na vida e no estudo mestiço e transdisciplinar da linguagem como prática social. Acredito que a mistura, a combinação de ervas e dizeres traz a lucidez da alma à tona. Acredito na repetição como recurso estilístico, como reafirmação do meu ponto de vista, do meu lugar único. Acredito, para temporariamente finalizar, na possibilidade que tenho, como sujeito(a) ativa, de intervir na ordem discursiva quando respondo responsivamente no agir singular e significativo de minha relação com o mundo, quando meu saber popular curativo (entre ervas, fogo e fumaça) me possibilita intervir por um mundo melhor...

Como bobo da corte e nativo, couberam a mim as atividades do reino referentes aos jogos, riso e a diversão. As palavras sempre foram o meu ponto forte, a linguagem se manifestava em mim através do verso como expressão. A ideologia em meu discurso infiltrava-se sorratamente no inconsciente. Disfarçada em forma de piada induzia o povo à revolução. E foram nesses pequenos momentos em que consegui escapar por alguns instantes do padrão.

Com a minha mensagem espremida por entre as vozes e risos. Implantei no mundo da nobreza o meu jeito pessoal de carnavalização. Pois então eu me despeço desse modo, sem palavras de final ou conclusão. Deixo para que cada um interprete do seu próprio lugar e contexto essa minha tola descrição.

Neste texto sou nativo do reino... só nesta ocasião, eu penso. Me vejo como intruso aqui, sou um camponês. É bem verdade que meu R.G. traz como naturalidade o reino, mas daqui não sou! Eu venho de um lugar em que se respira ar puro e o vizinho sabe mais da minha vida do que eu. Fronteiras de lado. Faz parte de minha natureza a resposta, sempre respondi, mentalmente que fosse... foi assim que caí na correnteza da criação verbal, muito cedo, e tive que aprender a nadar, contra a corrente, às vezes. Enquanto eu deveria saber definir *langue* em oposição à *parole*, me interessava mais o dialogismo, a alteridade, a polifonia e uma série de outras palavras, cada qual mais instigante, prato cheio para um curioso aldeão em um reino antes dominado pelo índio. Estudar Bakhtin apaixona, enuncio eu. Mas não é um amor que me deixa cego. Pelo contrário, tento (com o olho do mundo) olhar para a pequena província e pensar em possibilidades de progresso. Claro que as chuvas abundantes, as farturas nas colheitas e a prevalência do bem sobre o mal são importantes, no entanto, minha responsabilidade como simpatizante da causa é almejar mais, mirar mais alto, quem sabe, que tenhamos um reino mais igual (utopia). O meu lugar nesse reino é um dos mais baixos, pois não sou do clero, nem da realeza, tampouco militar, sou um pobre agricultor (militante, mesmo assim). E como tal, mesmo que dificilmente levado a sério, tenho a certeza de

que as palavras que e(a)nuncio tem ressonâncias em todas as outras “castas”, assim como, elas (as palavras) provem, sabe-se lá de onde, me fazendo responder ativamente. A certeza que tenho é que sou abelhudo demais para não responder!

Sou uma forasteira. Cigana que não encontra seu lugar no mundo, pois sabe que em cada canto dessas terras há um novo aprendizado. Graças ao instinto nômade tentei fugir deste reino que conheci ainda criança, porém sem sucesso. Compreendendo então que aqui existem possibilidades de aprender novas magias, resolvi estacionar minha carroça e fazer fogueira perto dos campos e cavalos dos grandes generais deste reino. Ao me deparar com outros forasteiros fui inserida no universo dessa nova universidade e, logo em seguida, fui apresentada ou iniciada nas magias do Sr. Bakhtin. Sua magia no começo me deixou zozona com seu vocabulário teórico, dialogismos, polifonias e outras palavras que para mim eram feitiços desconhecidos. Cada nova magia que me apresentava, me sentia ainda mais envolvida por seus mistérios. Sendo assim, resolvi aumentar meu contato com este novo mundo. Me uni então a um grupo peculiar que pesquisa melhor os livros e escrituras desse mago das palavras. Mesmo sendo novata e com todo o desconforto que certos feitiços ainda me causam, sigo nessa busca pelo melhor enunciado, a melhor palavra... Enquanto isso, continuo me debruçando ante suas escrituras, tentando acrescentar mais um tipo de magia aos meus limitados conhecimentos nessa área, a magia da palavra, da diferença, do outro.

Eu sou a trans(formadora) forasteira e chegay ao reino no hace mucho. Vinda de outros *hogares*, tenho

também outros olhares, outras sombras refletidas em meus olhos, minhas canções têm outros blues; tenho ainda marcas de muitos outros que cruzaram pelos meus caminhos, mas nunca me apagay do meu ninho. Fui sempre um borrego desgarrado e virei a ovelha vermelha (colorida?) da família, parafraseando Rita Lee. Desde tempos de ditadura, apanhei na escola, mas como dizem aqui, sou resistente como cavalo crioulo! Não temi os tempos, os ventos e corri pelos mundos para ouvir outras vozes, tomar outros licores, sentir novos sabores, odores... Nesses meus caminhos encontrei as palavras do velho Bakhtin que desde sempre batem em mim, pulsam e tento seguir novos trilhos porque como diz o poeta Machado: *Caminante no hay camino, el camino se andar, a cada golpe a cada verso*. Assim, como os versos, bebo os verbos que me deixam trans-lúcida, trans-locada, deslocada, enfim, cada vez mais latininoamericanizada... Tudo que vejo, tudo que tenho são palavras outras que chegaram até mim, são ecos que enunciam a possibilidade de um novo mundo futuro, trans-formado pelas nossas vozes, pelas nossas diferenças, pelas nossas inter-ações! E, definitivamente, não há eu, prefiro a vertigem do eu! Sou mais do coletivo, do povo, para o povo e com o povo! E não vou esquecer que sempre estou me trans-formando! O meu presente não apaga o meu passado!

Sou a contrabandista do reino. Meus companheiros são popularmente conhecidos como *quileros* por cargarem alimentos de quilo em quilo. Arroz, feijão, batata, açúcar, pilha, erva... e por aí se vai! O trabalho traz alguns riscos, pero como dicen ellos 'hay que continuar!'. E o que fazemos não é crime não, se é o que você está pensando! Vivemos do movimento: compramos aqui, vendemos ali,

atravessa a rua pra lá, atravessa a rua pra cá... Isso é globalização!

Bueno, eu empecei trazendo alfajor y dulce de leche preste reinado. Em seguida empeçaram a me pedir whisky, energético, vinho, eletrônicos e até pneu eu já carguei. Mas isso foi em outros tempos, quando eu andava lá praquelas bandas. Agora to cargando só no final de semana. Os trans-formadores deste reino me tiraram dessa vida e agora eu faço parte da Academia: escrevo artigos e saio por aí loca de facera contando como é a vida aqui na frontera.

Sou a segunda forasteira e me considero a professora do reino. Porém, sou uma professora que rema contra a maré, já que meu interesse e o de inter-agir com a 'plebe' do reino e não com os que, de fato, se acham no "direito" à educação. Essa posição – política - não é por acaso já que também vim de um lugar do qual fazia parte da plebe e graças a mediações fundamentais e acesso ao pensamento bakhtiniano, pude subir alguns degraus da escada e alcançar um *status quo* que não era esperado para alguém como eu. Esse *status quo* me deixa com poder e gosto disso: poder de interferir na ordem – falsamente natural - das coisas. Assim, tenho oportunidade de dialogar com diferentes sujeitos desse reino, especialmente, com os inconformados como eu. O objetivo que guia minha vida pessoal e profissional é olhar para além de uma ideologia dita dominante. Minha visão e meu agir faz parte de uma ideologia cotidiana que acontece no dia a dia, nas interações face a face. Esse lugar exige um sujeito que dê respostas sempre que é convocado (e somos sempre!). Um sujeito que responde responsabilmente, atribuindo suas compreensões ao mundo social a partir de suas

contrapalavras. Sujeito ético, nas palavras de Bakhtin. Quero, neste reino, ser formadora de tantos outros professores que vão trabalhar com tantos outros sujeitos que ganham vida nesse reino como, neste ano, acontecerá com o meu filho. Busco enfim, ser um sujeito que tem a sua identidade constituída a partir da alteridade e que vê no outro a sua provisória completude. Assim, vivo a vida na contemporaneidade.

Eu, neste reino, sou o escritor mais precisamente o poeta. Assim como outro poeta de um reino distante, a mim também cabe lidar com a doença das palavras. É na doença delas que eu executo o meu ofício. Ser mais um que lida com palavras doentes não é novidade, provavelmente muitos outros neste reino executam tal tarefa. Inédito é eu lidar com as doenças das minhas palavras e a alma é um povoado diverso, um povoado de vozes, vozes minhas, vozes outras, vozes outras que se tornam minhas. Nesse emaranhado de vozes eu manifesto a voz do poeta que é minha, mas não sou eu. Eu não posso dizer que a voz do poeta é minha, porque eu sou um povoado diverso e quando escreve o poeta ele dá voz a alguém de seu povo. É um erro dizer que o poeta finge, quem diz fingir o poeta finge não conhecer o seu povoado. A alma quando fala se permite palavras e contrapalavras a si mesma e aos outros. Não é um povoado falantes individuais que falam sozinhos, é um diálogo imenso de signos que se fazem em eco e o poeta só escreve, esses ecos se fazem escritos. Uma outra característica da alma é de que ela não é apenas um povoado, ela também tem vazios. Além do povoado existe esse vazio enorme, um vazio carente de ecos que pede por completude. A alma é então um povoado

incompleto. O outro me completa em diálogo e também me compõe. Esse vazio incompleto encontra momentos de completude quando conhece o outro.

[...]

Pois bem, como é de praxe, nossa história precisa ter um final nestas páginas. Mas não se iludam, meus caros, aqui não haverá bruxas más para serem enfrentadas, tampouco o repetitivo e batido “felizes pra sempre”. Em nossa fábula Bakhtiniana, o final não representa necessariamente o fim, tudo é uma questão de contexto. Afinal, o fechamento de uma aventura involuntariamente acaba esbarrando no começo de outra, gerando assim (talvez) uma carnavalização dos fatos, ou quem sabe um diálogo entre si (uma intertextualidade?), pois sabemos que o hoje só existe em função do ontem. Bastante confuso, não acham? Mas é exatamente assim o final de um conto Bakhtiniano, quanto mais perto pensamos estar do acabamento, mais longa a estrada se torna. Um clique sem fim onde cada vez mais ideologias colidem entre si, gerando segundo após segundo uma história nova com final diferente.

GEBAP



# **GEBAP (Grupo de estudos bakhtinianos do Pampa): responsabilidade e responsabilidade na formação docente**

Fabiana Giovani<sup>1</sup>  
Moacir Lopes de Camargos<sup>2</sup>

## **Introdução**

Nesse início de século XXI é possível notar o desabrochar de um novo e importante aporte teórico da linguística sendo aplicado à didática ou, especificamente, à formação de professores de língua(s). Trata-se da filosofia da linguagem fundamentada nas discussões de Mikhail Bakhtin e seu Círculo. Pautados nestas discussões, constituímos - desde 2011 - um grupo de estudos denominado GEBAP (Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa), composto por professores pesquisadores, estudantes da Licenciatura em Letras e do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA, Campus Bagé/RS).

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP/Araraquara). Docente nos cursos de Graduação e Pós-Graduação na área de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina. Líder do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa (GEBAP). fgiovani@ufsc.br

<sup>2</sup> Doutor em Linguística (UNICAMP). Docente nos cursos de Graduação e Pós-Graduação na área de Letras na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/Bagé). Líder do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa (GEBAP). lopesdecamargos@gmail.com

A ideia deste texto é expor alguns posicionamentos do grupo de estudos que está em andamento. Um de seus pressupostos, além de compreender a arquitetônica bakhtiniana, é formar professores que respondam responsabilmente às demandas sociais, uma vez que cada sujeito é único e ocupa um lugar único na existência. Isso significa pensar que não temos alibi e, portanto, ninguém tem como escapar da sua responsabilidade existencial já que temos o dever de responder do lugar que ocupamos na vida. Viver é responder, bem como assumir, a cada momento, uma posição axiológica frente a valores. Trata-se, nesse sentido, de uma ética sem concessões.

Podemos dizer que, apesar de Bakhtin se colocar mais como filósofo do que linguista, suas reflexões são plausíveis na área da didática já que o autor coloca a dialogia como fundante do nosso ser no mundo e da nossa própria consciência. No caso, um professor que responde, responsabilmente, a seus atos, é consciente de que cada um de nós é responsável e é chamado a responder eticamente por esses atos, sem alibi que esteja por trás de cada atividade tomada. Seu papel então é aliar responsabilidade e respondibilidade: ao mesmo tempo em que é responsável pelo que faz e diz, também faz e diz em resposta a uma série de elementos presentes em sua vida profissional e/ou pessoal.

## **1. O dialogismo bakhtiniano**

O dialogismo ao qual se refere o autor não equivale simplesmente ao diálogo, no sentido de interação face a face, que é uma forma composicional, na qual também ocorrem relações dialógicas, assim como ocorrem em

todos os enunciados no processo de comunicação, independente da dimensão que tiverem. Assim, quem diz alguma coisa, diz para alguém, presente ou ausente. Além disso, é preciso considerar a resposta como elemento essencial e desencadeador do diálogo, uma vez que o que eu falo vai provocar no outro uma resposta e, portanto, ao responder, o outro aumentará o diálogo.

Aqui interessam dois sentidos do que é efetivamente o dialogismo na obra bakhtiniana: o dialogismo como modo de funcionamento real da linguagem, ou seja, seu princípio constitutivo; e uma forma particular de composição do discurso. De acordo com Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta ou em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Os homens não têm acesso direto à realidade, uma vez que a relação que eles mantêm com ela é sempre mediada pela linguagem. Assim, o real se apresenta para as pessoas semioticamente, o que significa que um discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas sim com outros discursos, que semiotizam o mundo. Os objetos mostram-se através de signos que aparecem cercados, envoltos, embebidos em discurso sendo que todo discurso dialoga com outros discursos. Dessa forma, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que o rodeiam.

Para entender o princípio constitutivo da linguagem, é preciso estabelecer a diferenciação entre enunciados e unidades da língua. Bakhtin (1986) não nega a existência do sistema da língua, mas aponta que ele não dá conta do modo de funcionamento real da linguagem. Para ele, os sons, as palavras e as orações são unidades da língua, portanto, são repetíveis. Uma palavra, por exemplo, como

*fogo* pode ser repetida milhares de vezes. Os enunciados, por sua vez, são unidades reais de comunicação e são irrepetíveis, uma vez que são acontecimentos únicos que, a cada vez que se realizam, apresentam variações de fala únicas. O enunciado nada mais é do que a réplica de um diálogo, porque cada vez que é produzido está fazendo parte de um diálogo com outros discursos. O que delimita a sua fronteira é a alternância dos sujeitos falantes. Assim, o constitutivo do enunciado é o dialogismo.

Outra diferença refere-se ao fato de que as unidades da língua não pertencem a ninguém, não possuem, portanto, autor. Apesar de serem completas não apresentam um acabamento que permite resposta. Contrariamente, os enunciados têm um autor que revelam uma posição. Sendo uma réplica, com um acabamento específico, dá abertura ou permite uma resposta. Essa diferença apresentada acima nos leva a concluir que as unidades da língua não são dirigidas a ninguém; são neutras; já os enunciados possuem um destinatário, além de carregarem juízos de valor, emoções, como por exemplo, exprimir respeito, zombaria, amor, ódio etc. Isso evidencia também que não basta saber o que significa cada uma das unidades mínimas da língua que compõe um enunciado para compreender seu sentido completo. É preciso reconhecer que os sentidos do enunciado são sempre de ordem dialógica e que eles mantêm diálogo com outros enunciados do discurso.

Com essa diferenciação entre unidades da língua e enunciados, chegamos ao sentido do dialogismo como princípio constitutivo da linguagem. Vimos que todo enunciado se constitui a partir de outro. É, portanto, uma réplica a outro(s) enunciado(s). Por isso, nele ouvimos

mais de uma voz ou minimamente duas: a do eu e a do outro. Elas estão presentes no enunciado ainda que não se manifestem explicitamente e podem revelar convergência ou divergência, acordo ou desacordo, adesão ou recusa, complemento ou embate. Isso revela que, do ponto de vista constitutivo, o dialogismo deve ser entendido como o lugar de luta entre vozes sociais. No entanto, a teoria bakhtiniana não leva em conta somente as vozes sociais, mas também considera importantes as vozes individuais. De acordo com Fiorin:

Ao tomar em consideração tanto o social como o individual, a proposta bakhtiniana permite examinar, do ponto de vista das relações dialógicas, não apenas as grandes polêmicas filosóficas, políticas, estéticas, econômicas, pedagógicas, mas também fenômenos da fala cotidiana, como a modelagem do enunciado pela opinião do interlocutor imediato ou a reprodução da fala do outro com uma entonação distinta da que foi utilizada, admirativa, zombeteira, irônica, desdenhosa, indignativa, desconfiada, aprovadora, reprovadora, dubitativa, etc. todos os fenômenos presentes na comunicação real podem ser analisados à luz das relações dialógicas que os constituem (FIORIN, 2006, p. 27).

É fato que todo enunciado não é dirigido apenas a um destinatário imediato e consciente, mas dirige-se também a um superdestinatário que pode variar de grupo social, de época e de lugar distintos. São ainda essas entidades maiores que podem determinar a produção discursiva. Como aponta Fiorin (2006):

Para o autor russo [Bakhtin], não há uma neutralidade na circulação de vozes. Ao contrário, ela tem uma dimensão política. As vozes não circulam fora do exercício do poder; não se diz o que se quer, quando se quer, como se quer (FIORIN, 2006, p. 27).

O sujeito encontra no dialogismo, seu espaço de liberdade e de inacabamento. A singularidade de cada indivíduo na sociedade ocorre em meio à interação viva de vozes sociais. Esse é o perfil do sujeito social e individual ao mesmo tempo. O segundo sentido do dialogismo é aquele que se mostra no fio do discurso. Quando as várias vozes são incorporadas no interior do discurso, tem-se o dialogismo como forma composicional.

Há duas formas básicas de incorporar ou inserir o discurso do outro no enunciado. A primeira é quando o discurso alheio é abertamente citado e notavelmente separado do discurso citante;<sup>3</sup> e a segunda é um discurso que não revela a separação nítida do enunciado citante e do citado<sup>4</sup>.

## **2. O espaço escolar**

É com base nesses dois sentidos de dialogismo que vamos refletir sobre o ensino de língua materna na escola. Geraldi (2004) afirma que toda e qualquer atividade desenvolvida em sala de aula implica uma metodologia de ensino articulada a uma opção política que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade. Quando se fala de ensino, há questões importantes que devem ser colocadas como, por exemplo, para que ensinamos o que ensinamos? E por que as crianças aprendem o que aprendem? Esses questionamentos,

---

<sup>3</sup> Constituem o discurso citante: discurso direto, indireto, aspas, negação.

<sup>4</sup> Pode ser exemplificado pela paródia, estilização, polêmica clara ou velada e discurso indireto livre.

porém, muitas vezes, são substituídas por outros secundários, do tipo como ensinar, quando ensinar e o que ensinar. São os primeiros questionamentos que orientam o professor a realizar um trabalho pautado no diálogo, uma vez que olha para seus alunos como sujeitos ativos na sociedade.

Trabalhar o diálogo em sala de aula na perspectiva bakhtiniana é conceber a linguagem como uma forma de interação. É considerar que mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. É através dela que o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando. É com ela também que o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos que não preexistiam à fala. Enfim, é considerar a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais.

Infelizmente, o que vem ocorrendo na prática escolar é bem diferente disso, muitas vezes. Institui-se uma atividade linguística artificial. Assumem-se papéis de locutor/interlocutor durante o processo, mas o problema é que não se é locutor/interlocutor efetivamente. Assim, quando o professor não explora em seu trabalho as relações dialógicas, faz com que a relação permaneça num diálogo em sua concepção mais restrita: o eu é sempre o mesmo e o tu é sempre o mesmo. De acordo com Geraldi (2005):

O sujeito se anula em benefício da função que exerce. Quando o tu-aluno produz linguisticamente, tem sua fala tão marcada pelo eu-professor-escola que sua voz não é voz que fala, mas voz que devolve, reproduz a fala do eu-professor-escola. Essa artificialidade do uso da linguagem compromete e dificulta,

desde sua raiz, a aprendizagem na escola de uma língua ou da variedade de uma língua (GERALDI, 2005, p. 89).

Consideramos que a escola é o lugar ideal para o desenvolvimento da linguagem, do dialogismo. Está mais do que na hora de a escola deixar de ser o lugar fechado que acaba tendo por função anular sujeitos. Contrariamente, é preciso abrir este espaço fechado para que nele o sujeito possa dizer a sua palavra, o seu mundo, dialogar com outros sujeitos, com outros grupos e constituir-se realmente enquanto sujeito de seu dizer. Segundo Osakabe (2004):

Ser sujeito do discurso seria conferir a cada enunciado produzido a relevância identificadora que lhe dá tanto um papel substantivo no contexto em que é produzido, quanto confere uma identidade específica ao seu enunciador. Em outros termos, o discurso assim produzido seria original e único na sua relação com o contexto e com o interlocutor (OSAKABE, 2004, p. 26).

E, ainda, como afirma Geraldi (2004:131), é devolvendo a todos o direito à palavra, inclusive na escrita, que talvez possamos um dia ler a “história contada, e não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos das escolas públicas”. Enfim, a escola deve construir a linguagem ao invés de destruí-la. O dialogismo não pode existir apenas nas páginas dos livros. É preciso dialogar. É preciso responder responsavelmente!

### **3. Bakhtin e outras vozes**

Embora o foco do nosso grupo de pesquisa seja o estudo da obra de Bakhtin e seu Círculo, acreditamos ser importante estabelecer um diálogo das discussões deste pensador com autores de outras áreas. Como explica Bakhtin/Volochínov (1986), devemos entender que

[...] o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1986 p. 123).

Compreendemos, a partir das reflexões do Círculo de Bakhtin, o diálogo como constitutivo de todos os enunciados, de toda comunicação. Entendemos ainda que, além das relações dialógicas constitutivas dos enunciados (no seu interior), como leitores, podemos estabelecer relações dialógicas entre enunciados, entre textos:

(...) as relações de sentido entre os diferentes enunciados assumem índole dialógica (ou, em todo caso, matriz dialógica). Os sentidos estão divididos entre vozes diferentes. (...) Dois enunciados alheios confrontados, que não se conhecem e toquem levemente o mesmo tema (ideia), entram inevitavelmente em relações dialógicas entre si. Eles se tocam no território do tema comum, do pensamento comum. (BAKHTIN, 2003, p. 320)

A partir dessa noção ampla de diálogo, nos apropriamos deste conceito, em nosso trabalho como docentes, para auxiliarmos os professores em formação, sobretudo em seus estágios docentes. No entanto, vale

ressaltar que as discussões bakhtinianas<sup>5</sup> não foram realizadas para serem aplicadas em sala de aula. Mas, a partir das leituras que realizamos da obra deste pensador, tecemos compreensões que nos auxiliam em nosso trabalho docente.

Em pesquisa realizada em 2012<sup>6</sup>, analisamos o trabalho dos discentes em formação, junto a escolas estaduais do ensino fundamental e médio da cidade de Bagé (RS). Partimos do conceito de dialogia e da proposta sobre os gêneros do discurso do pensador russo Bakhtin (2003), além de reflexões específicas sobre o ensino de língua portuguesa discutidas por Geraldini (2010).

A partir do trabalho de preparação do projeto de ensino, da orientação dos estagiários, da leitura de seus diários e da observação de aulas pelos professores orientadores, analisamos a prática docente de uma estagiária, sobretudo no que diz respeito ao seu trabalho com a produção escrita de alunos de uma turma da EJA (Educação de Jovens e Adultos). A maior preocupação da estagiária regente desta turma, durante o desenvolvimento de seu trabalho, era a seguinte: como trabalhar com a escrita a partir dos gêneros do discurso? A resposta a esta pergunta surgiu a partir de uma releitura de suporte teórico mostrando que, para um trabalho a partir dos gêneros do discurso, a correção da escrita do aluno não se deve restringir simplesmente a uma higienização do seu texto, limpando-o dos erros ortográficos. Ao contrário, deve haver

---

<sup>5</sup> Sobre trabalho específico de Bakhtin e o ensino de língua ver Bakhtin (2013).

<sup>6</sup> CAMARGOS, M. L. & GIOVANI, F. Dialogia e gêneros do discurso no estágio supervisionado. Revista *Via Litterae*, v. 6, n.2, 2014.

um constante trabalho de reescrita e reflexão, seja individual ou em grupo.

Para esse trabalho com a escrita foi mostrado à estagiária a importância da reflexão bakhtiniana sobre a linguagem, considerando-a em seu aspecto social. Ou seja, a língua não é meramente um sistema, ela é um processo interativo entre os sujeitos que a utilizam. A partir desta concepção, estudar a linguagem implica em entender as situações reais de uso da língua e, conseqüentemente, os compromissos que os falantes dessa língua estabelecem. Nas palavras de Bakhtin (2013):

A língua tem ainda uma influência poderosa sobre o pensamento daquele que está falando. O pensamento criativo, original, investigativo, que não se afasta da riqueza e da complexidade da vida, não é capaz de se desenvolver nas formas da linguagem impessoal, uniformizada, não metafórica, abstrata e livresca. O destino posterior das capacidades criativas de um jovem depende em muito da linguagem com a qual ele se forma no ensino médio. O professor tem esta responsabilidade (BAKHTIN, 2013, p.42-43).

Tendo em vista que nossas pesquisas se desenvolvem com alunos em formação, futuros professores do ensino fundamental e médio, concordamos com a reflexão bakhtiniana, pois devemos ser responsáveis para apontar-lhes diferentes possibilidades de um trabalho com a linguagem, sobretudo se vivemos em um país e uma região com índices educacionais bastante críticos.

## **E para continuar**

Além do trabalho específico com os docentes, também orientamos graduandos em pesquisas de iniciação científica (com bolsa de pesquisa) e mestrando(a)s do curso de mestrado profissional em ensino de línguas na área de linguagem e literatura que são nossas linhas de pesquisa. Assim como Bakhtin realiza a maior parte de suas reflexões sobre a linguagem a partir da obra de Dostoievski e outros textos literários como Rabelais, também acreditamos que não deve haver separação entre a língua e a literatura em disciplinas estanques. A literatura é o lugar em que a língua pode se manifestar em sua forma mais viva e mais criativa. Então, podemos e devemos utilizá-la em sala aula para refletir sobre a linguagem humana. Ainda que o texto literário seja fictício, ele é extremamente útil para discutir a realidade e nos proporcionar vislumbrar um futuro, ainda que utópico.

## **Referências**

BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino de língua**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, M. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 1986.

BAKHTIN, M. **O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas**. In: Bakhtin, M.

**Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAMARGOS, M. L. & GIOVANI, F. **Dialogia e gêneros do discurso no estágio supervisionado.** Revista Via Litterae, v. 6, n.2, 2014.

BRITTO, L. P. L. **A escola: o grande interlocutor.** In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2004. p.118 – p. 121.

FIORIN, J. F. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

GERALDI, João W. **Portos de passagem.** São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_ (org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_ **A linguagem nos processos sociais de constituição da subjetividade.** In: ROCHA et al. (Org.). **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_ **Linguagem e máscaras identitárias, exigências para inserção no mundo global.** CÍRCULO – Rodas de Conversa Bakhtiniana 2009 – **Caderno de Textos e Anotações.** São Carlos: Pedro & João Editores. 2009.

OSAKABE, H. Ensino de gramática e ensino de literatura. In: GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2002.



**O mínimo da vida, um coro de vozes: a experiência  
própria e a experiência outra na nossa relação  
(amorosa) com Bakhtin<sup>1</sup>**

Fabiana Giovani  
Nathan Bastos de Souza  
Rebeca Teliz  
João Beyer Schenkel

Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz  
nada termina e nada resolve. Duas vozes são o  
mínimo da vida, o mínimo da existência.  
(Mikhail Bakhtin)

Encontramo-nos na Cidade das Letras. Esse lugar excludente que autoriza e legitima apenas uma pequena parcela de doutos - os fazedores da ciência (?) -, funcionou para nós como inclusivo: nos uniu por compartilharmos utopias, desilusões, questionamentos, inquietações sobre nosso agir no mundo. Entretanto, há um contexto específico para um olhar humano para a alteridade: a perspectiva bakhtiniana. De fato, escutar o outro é uma tarefa de amor. Assim, vive-se uma relação não indiferente com a alteridade. Sendo esta uma

---

<sup>1</sup>GIOVANI, F. ; SOUZA, N.B. ; GOULART, R.K.T. ; SCHENKEL, J.B. . O mínimo da vida, um coro de vozes: a experiência própria e a experiência outra na nossa relação (amorosa) com Bakhtin. In: Grupo ATOS UFF e outros. (Org.). III EEBA- Encontros Bakhtinianos Amorização: Porque falar de amor é um ato revolucionário. 1ed.São Carlos: Pedro & João Editores, 2015, v. 1, p. 222-228.

característica essencial, as relações que mantemos com o outro - levando em conta a sua natureza eminentemente humana - são relações de amor, em um sentido amplo. Ama-se um outro pela sua diferença. Parte-se do pressuposto de que a diferença identifica, a desigualdade deforma (GERALDI, 2003).

No mundo dos letrados, o que prevalece é a desigualdade. Um eu autorizado - douto - que tem um discurso legítimo e legitimado pela instituição. Do outro lado da relação o aluno - que tem um discurso que a todo o momento é medido, esquadrinhado, espedaçado pela instituição através do sujeito responsabilizado para tal. Por mais que o mundo das letras seja assim, um mundo monológico, há maneiras outras de dialogar com ele, de furar esta ideologia dominante.

Nossas incursões pelas frestas do poder têm resultado em digressões dessa relação. Trabalhamos sob o aspecto alteridade. Para escutar o outro não pode haver entre eu e outro uma barreira. Só há diálogo - e em consequência uma escuta - no lugar em que dois sujeitos organizados socialmente se abrem para a alteração. A escuta, por sua vez, exige responsividade e, por trabalharmos nesta linha de pensamento, acreditamos que o ato precisa ser responsável, ter a nossa assinatura, sem álibis.

Daí que olhar o outro de um lugar distante e compreensivo exige um ato de amor que nos aproxime. Uma amorização brota deste lugar. De acordo com Miotello (2008), todo o tipo de relação é interativo. Sempre entre dois sujeitos. Para o autor, qualquer que seja a interação ela apresenta o caráter de mudança: nunca se sai igual de uma. Nos termos de Miotello (2008) o que separa e exige solidão é “diabólico”, aquilo que nos

mantêm nas fronteiras de um “eu para mim mesmo”, isolado de qualquer mudança (cf. MIOTELLO, 2008). É como se disséssemos “Estou acima de quaisquer alterações”.

Deste modo, quando temos uma relação dialógica nos abrimos para a alteridade. Do contrário, na diabolía, estamos fechados sob nosso ponto de vista, exigindo do outro a responsividade que nos deve. Estamos debruçados sobre a identidade, esta terrível armadilha. Se pensarmos assim, concordando com a filosofia bakhtiniana, o outro me proporciona uma identidade movente, provisória. Não sou eu, não posso enunciar utilizando o pronome, se ele antes de tudo houvesse me autorizado para tanto. Em outras palavras, sou eu porque o outro me concede a identidade.

Do ponto de vista do pampa - cronotopo que ocupamos - podemos arrolar algumas contrapalavras ou palavras outras que damos ao nosso fundo perceptivo. Isto é, se tratamos de Bakhtin no pampa o outro nos vê com este pano de fundo pampiano ao qual não podemos dominar desde nosso lugar extralocalizado. Só o outro me vê com o pampa por trás. Eu o vejo “em outro lugar e de outro modo”, nos termos de Petrilli (2013).

Também, é possível ver-se com olhos outros. Para tanto, exigimos de nós mesmos um distanciamento sobre a própria vida. Para poder olhar para o próprio passado e compreender os caminhos trilhados, estamos projetando o futuro.

De volta à questão do lugar que ocupamos - uma Universidade Federal do Pampa - nos deparamos com uma máxima espalhada no mundo acadêmico. Naquele em que se silencia o outro. Silêncio ao diferente, tratado

de maneira desigual, no sentido que dá ao termo Geraldí (2003). Mas, nos perguntamos, não seria este o lugar de escutar o outro? O lugar do diálogo? (Re)afirmamos aqui o que trouxemos em Giovani e Souza (2014):

[A academia] é o lugar de manifestações de poder do tipo, “eu tenho autoridade para dizer” ou “eu digo a verdade”. [Ou] Curiosamente, não deveria ser o contrário? As perguntas que deveriam movimentar esse lugar poderiam ser “eu sou autorizada a ouvir” ou “eu digo uma possibilidade de verdade”? Nunca separei e não consigo compreender a separação entre vida e ciência. Entro no mundo das letras com os mesmos valores com que olho para o mundo (GIOVANI e SOUZA, 2014, p. 288).

A questão crucial que está nos âmbitos acadêmicos pode ser traduzida em um aspecto: o silêncio. Lá moram os letrados e eles dizem a sua palavra como quem está automática e institucionalmente responsabilizado. Sua maneira de lidar com o outro é excludente. A lógica que serve a eles é a da desigualdade. Aquela do eu dono de si, ignorante da alteridade que lhe constitui, teimosamente rechaçada. Rama (1985) trata desta cidade letrada da seguinte maneira:

A cidade letrada quer ser fixa e atemporal como os signos, em oposição constante à cidade real que só existe na história e se adequa às transformações da sociedade. Os conflitos são, portanto, previsíveis (RAMA, 1985, p.53).

Como habitantes do anel do poder - mas que não aceitamos a lógica dele - cada um de nós, em um coro de vozes, aponta para o seu lugar no pampa e mostra como nos relacionamos dialógica e amorosamente com o outro. Isto é, a pergunta que nos serve de orientadora é “**Como**

**nossas trajetórias se modificaram a partir de Bakhtin”.**

Seguem-se as singularidades contidas e não contadas:

Quando escolhi cursar Letras, em 2000, não poderia ocupar o lugar exotópico e ter o excedente de visão da minha vida. Hoje, 15 anos depois, a memória do passado me permite olhar para o meu presente, compreendê-lo e (re)projetar o meu futuro. A compreensão mais clara que tenho é que os estudos advindos das Cidades das Letras me trouxeram o maior presente de todos: a amorosidade. Compreendi desde o momento que mergulhei na obra bakhtiniana que o sentido da vida está no olhar para o outro como minha (in)completude - sempre fundante - e isso nada mais é do que a amorosidade. O sentido da minha vida se dá pela existência do outro. Outro que significou a vida e do qual recebo o mundo sógnico e ideológico.

Já como professora na tal cidade letrada, vivo - respondo - do lugar que ocupo na vida. Assim, a ciência com a qual lido é a heterociência bakhtiniana. É o outro que me constitui e, partindo desse pressuposto, não tem como conceber uma ciência fechada; com verdades absolutas, que criam seres detentores de poder de uma forma tão excludente. Compreendo uma ciência filtrada da experiência das vivências, de diversos lugares e pontos de vista. Um diálogo real, pulsante, em torno, não de teorias predeterminadas e arrogantes, mas sim de uma profunda integração e acima de tudo da destruição de paradigmas dos quais alunos e professores muitas vezes não se vêem como produtores de ciência.

Entre essas descobertas que fazíamos como grupo pampiano a minha constituição previamente estabelecida ia alterando-se. Em meu lugar de iniciante fui dando os meus passos pelos corredores letrados. Via o mundo da

língua como limitado, para poucos, um lugar inatingível, em que a monologia era constante. Pensava que nessas caminhadas pela linguagem iria encontrar um espaço delimitado. Porém, logo fui surpreendida. A sociedade da língua era muito mais dialógica do que imaginava. Minha voz tinha valor para alguns doutos, pertencia a um coro de vozes igualitárias, as quais também refletiam sobre a ciência e questionavam a vida, de modo amoroso, com uma atenção para escutar o outro.

Nesses passos, procurava somente respostas que a prática educacional e as vivências me propunham, encontrei algumas, junto delas outras reflexões nasciam. Porém, esse mundo das descobertas exigia de mim um posicionamento amoroso para responder eticamente no meu contexto, seja no âmbito docente, ao qual estou inserida a cada dia, como também nas relações com a minha família. Ao longo dessa trajetória junto a Bakhtin fui olhando o mundo de maneira distinta: decidi calar-me para escutar o “outro”. Pois ele convocava-me a um dizer responsivo, minhas contrapalavras não mais podiam ficar escondidas em minhas ideias, não tinha esse alibi do não dizer, pois após saber que tudo na minha volta exigia uma resposta, seja uma assinatura do meu dizer no hoje ou na construção do futuro. Em todos os “outros” signos permeava uma ideologia, seja ela a dominante ou a qual eu contribuo, a do cotidiano. Hoje, por causa de Bakhtin e seu Círculo, eu respondo o meu “outro” com mais segurança no dizer, só me calo para permitir que esse “outro” altere o meu “eu”.

Quando nos encontramos com os “outros” vamos vivenciando a partir da escuta amorosa destes, os quais compartilham seus conhecimentos de mundo e por

consequência buscamos a compreensão, sabendo que esta é uma forma de diálogo (BAKHTIN,2006). Nossos confrontos são também essenciais na interação

Durante as novas aprendizagens que iam surgindo, tínhamos que dar as nossas contrapalavras, elas eram em diálogos nos encontros, mas também era necessário estabelecer o nosso dizer em pesquisas, na formalidade exigida na sociedade letrada, em nossas escritas, para que os outros/leitores pudessem compartilhar de nossas reflexões e junto a nós construir novas visões do mundo estético.

Quando indagado a respeito do por que o curso de Letras e não Engenharia ou qualquer outro, tive sempre em mente a nítida resposta que era não porque gostava do mundo letrado ou por que gostava de ler. Mas sim por pensar em todos esses embates e contradições que permeiam nossas vidas e que de certo modo refletem em nosso agir. Perguntei, em uma das primeiras aulas de linguística, para a professora que posteriormente me apresentaria Bakhtin, se existia algo por traz dos professores, uma força maior, quero dizer, que guiasse o professor de forma cega! E para minha surpresa não. O que descobri mais tarde é que existe sim um lugar ideológico não só nos professores, mas em todos nós e que escolhemos ou não enfrentá-lo. O outro nos incita a pensar, a responder desde o lugar ideológico que ocupamos. Muitos preferem o “Não pensar”, afinal, é confortável não pensar! O curso de Letras me tirou o privilégio do não pensar. Bakhtin me obrigou a ir mais longe; tirou meu lugar de conforto! De certa forma sacudiu minha mente e me mostrou que todos somos únicos e nossos pensamentos não são intangíveis e que o meu existir e completude se dá a partir do outro.

É algo fascinante pensar em como somos seres ideológicos e extremamente repetidores de ideias que muitas vezes não são plenamente nossas - mas que se tornam de nossa autoria desde que a tomamos em diálogo com o outro. Assim, ao responder ao outro, produzimos dizeres ideológicos que carregam sentimentos, únicos, irrepetíveis e singulares, mostrando que nos modificamos a toda hora em que enfrentamos um outro, estas são vivências e experiências que constituem o meu eu ético/estético. Em uma relação com o outro, ambos saem modificados. O eu - muitas vezes anulado em diversos lugares como nos meios acadêmicos - é (re)pensado desde uma perspectiva bakhtiniana. Dessa maneira, compreendemos que a ciência não pode ser encarada como uma simples receita ou explicação do mundo. Ela deixa de ser algo muito superior e não linear e torna-se um aglomerado de saberes que se interligam e se modificam a cada contexto criado, a cada pesquisa, a cada novo lugar que se torna ponto de incidência de meu olhar oblíquo.

Construir ciência desta perspectiva seria expressar essa amorosidade de certa forma. A relação entre as partes (aluno/professor), o diálogo envolvido (pesquisa/pesquisador) a amorosidade que ele constrói como sendo a vertente de nossas escolhas e nossas relações dialógicas tanto com nossos laços sociais quanto com o mundo e a ciência em si. Tudo isso saciou um pouco de minhas ânsias e a cada momento sinto-me fazendo ciência, a cada confronto, trocando experiências, e não me acomodando e exigindo meu espaço e minha existencialidade. Não como um simples aluno, mas como alguém que tem algo a dizer e algo a acrescentar.

Minha caminhada com Bakhtin se deu sob um ângulo obtuso: a invisibilidade. Explico-me, meu curso desde o início coloca Bakhtin (não o seu círculo, só o autor principal) em um lugar distante, quase intocável. A busca pelo autor de minha parte certamente se deu por isso. Puxei uma cortina que encobria o filósofo russo e fui descobrindo-nos dois sentidos, de descoberta do novo e na retirada de uma cobertura - as questões que ele trazia. Embati-me com o Círculo - porque encontrei outros que me disseram, "há um círculo", "é uma teoria plural". É possível fazer mais com Bakhtin. Minha curiosidade crescia a cada vez que me encontrava com Bakhtin - em seus escritos - e propunha a ele uma palavra outra. Deste ponto de vista, a teoria foi ficando cada vez mais ampla e minha consciência se alargando com as palavras bakhtinianas. Na ocasião do II EEBA, escrevi meu primeiro texto bastante bakhtiniano, mas acho que de lá para cá tenho me transformado em um sujeito cada vez mais embebido na filosofia dialógica do Círculo.

A tal invisibilidade de Bakhtin e seu Círculo em minha formação foi a lacuna que encontrei para buscá-la fora de sala de aula. Com isto, fui expandindo meu escopo de leituras. Não fui um sujeito que ficou somente no obrigatório, fui além. Ir mais adiante nas leituras me fez ser outro e hoje me distancio - com meu excedente de conhecimento - e vejo que sei muito mais que sabia no passado e que saberia se tivesse me confinado ao obrigatório.

Acompanhei a ascensão de um grupo Bakhtiniano - não participo desde o início - e o discutido ali me fez outro. Acredito que este grupo - o GEBAP - contribui - na mesma medida que outros grupos - para a maior visibilidade dos

autores russos. No meu caso, foi este o grupo que me constituiu e me constitui pesquisador com Bakhtin.

Destas atividades de leitura adentrei na teoria. Da alteridade, noção chave para qualquer bom bakhtiniano, nunca escapei; mas compreendê-la como a propõe Bakhtin e seus leitores (especialmente Ponzio) me fez dar tempo a mim mesmo. Isto é, quando falo de amor, só posso amar um outro que está fora de mim e que vem antes de mim para o mundo. É claro que esqueço paulatinamente os valores dados por ele ao mundo, revalorando tudo ao meu redor, todavia isto constitui minha memória de passado.

Quando trato do pampa em minha pesquisa - como meu lugar de ser, meu cronotopo - trato de um tempo e espaço específicos que me constituem, contudo, constituíram outros tantos há idos tempos que não sei rememorar. Em outras palavras, trabalho sobre um cronotopo que me pertence, no entanto, apesar de mim, foi de outro primeiro. Não posso ser o Adão do mito, aquele que enunciou primeiro sobre este lugar e tempo. Eu falo de minha singularidade e unicidade em evento, miro o mundo sob as planuras pampianas como tantos diferentes de mim já fizeram. O lugar de amorizar as minhas relações é o pampa. Não posso escapar disto, seria minha impostura ética.

Assim, somos quatro sujeitos que se uniram na Cidade das Letras. Uma cidade em que todos têm o que dizer - nem sempre dizem. Na qual foi possível intensificar nossa relação através de um grupo de estudos, o GEBAP. Neste é que estamos - através da amorosidade, do colocar-se na escuta - dando respostas à vida, à ciência.

Somos seres que após terem se encontrado com Bakhtin e seu Círculo fomos alterados pelo dizer desses “outros” e hoje o nosso “eu” tem autonomia para responder ética/esteticamente à vida. Reconhecemos que as nossas pesquisas permeiam o estudo do cotidiano, sendo nossa meta furar o pacote das ideologias dominantes, dos dizeres “inalterados”. Acreditamos que a nossa assinatura deve ser deixada. Não abolimos as vivências em nossa ciência, não somos sujeitos sem pátria e sem contexto. Entramos no pampiano como mochileiros, andarilhos que somos, sempre em movimento, peregrinos em várias terras das pesquisas.

O nosso diálogo - nem sempre consensual, felizmente! - nos constitui, nos faz sujeitos outros, modificados, conscientes da necessidade de olhar empática e exotopicamente para a ciência e para a vida, construindo um estilo nosso, com as nossas assinaturas. Com isto, voltemos à carga com as seguintes palavras do velho mestre e seu círculo:

“O estilo é o homem”, dizem; mas poderíamos dizer: o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte - o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa (BAKHTIN, 1976, p.16).

Seguimos então, com nossos diálogos. Neles trazemos o mínimo da vida, um coro de vozes: a experiência própria e a experiência outra na nossa relação (amorosa) com Bakhtin. A partir desse acabamento provisório, damos abertura para outras vozes que suscitam contrapalavras que esperamos com amorosidade.

## Referências

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

\_\_\_\_\_. **Discourse in life and discourse in art: concerning sociological poetics**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. New York: Academic Press, 1976

GERALDI, J. W. **A diferença identífica**. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, M. T. (Org.). Ciências humanas e pesquisa. São Paulo: Cortez editora, 2003.

GIOVANI, F. SOUZA, N. B. **Memórias compartilhadas sobre diferentes multidões: buscando no passado respostas ao presente para projetar o futuro**. In: GRUPO DE ESTUDOS DOS GENEROS DO DISCURSO GEG. (Org.). V CÍRCULO Rodas de Conversa bakhtiniana: praça pública, multidão, revolução, utopia. 1ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

MIOTELLO, V. **O diferente sou eu para o outro: pensares rascunhados à sombra e luz de Bakhtin**. In. Grupo de Estudos dos Gêneros do discurso. (orgs.). Arenas de Bakhtin - linguagem e vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

PETRILLI, S. **Em outro lugar e de outro modo**. Filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução em, em torno e a partir de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

## Identidades e alteridades fissuradas: a mulher *trans*<sup>\*1</sup> crussificada

Cássia Rodrigues Gonçalves

Nara Oliveira

Nathallia Lacerda

### O começo

São Paulo, 07 de junho de 2015. 19ª Parada do Orgulho LGBT. Viviany Belebony, modelo e atriz de 26 anos, saiu pela Avenida Paulista crucificada, do mesmo modo que a narrativa bíblica conta o sofrimento de Jesus Cristo a fim de representar, por meio de sua metáfora textual-corporal, as dores e agressões sofridas diariamente pela comunidade LGTBTT, principalmente as e os transexuais como Viviany.

Abaixo, a fotografia que circulou nas redes sociais e nas mídias de sua ação:

---

<sup>1</sup>O termo *trans*<sup>\*</sup> é a abreviação de várias palavras que expressam diferentes identidades como transexual, transgênero e travesti. Assim, para evitar “classificações” que correm o risco de serem excludentes, o asterisco é adicionado ao final da palavra, transformando o termo *trans* em um termo guarda-chuva (*umbrella term*) – um termo englobador que estaria incluindo qualquer identidade *trans*. Fonte: <http://transfeminismo.com/trans-umbrella-term/>



(Fonte: <http://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=6&cid=234025>)

A enorme repercussão e polêmica sobre a ação de Viviany teve tanto apoio quanto repúdio, pois sua metáfora corporal lidou diretamente com signos considerados sagrados. Os lugares discursivos, um tanto fluídos, determinaram o posicionamento do público em relação à ação.

Muitas pessoas se identificaram com o discurso do movimento LGBTT, o qual critica severamente o moralismo religioso e sofre na pele a exclusão pela orientação sexual ou identidade de gênero. Outras, no entanto, também em enorme representatividade, identificaram-se com o discurso religioso que, por ora, tolera a diferença, desde que os símbolos sacralizados não sejam utilizados como comparativos e/ou problematizados.

Houve também posicionamentos de pessoas pertencentes aos dois segmentos: o religioso e o LGBTT. Nesses casos, ocorreu uma divisão a respeito de qual

discurso poderia/deveria predominar, de modo que alguns apoiaram a *performance* de Viviany, enquanto outros a criticaram.

Em meio a estas discussões é possível observarmos os modos de significação e constituição das identidades e alteridades de pessoas *trans\** como Viviany, sem, contudo, definir (ou tentar definir) qual olhar está mais ou menos correto, mas procuraremos, antes de tudo, expor nosso olhar para esse evento particular do cotidiano o qual fazemos parte.

### **Linguagem, identidade e alteridade**

A questão das identidades atualmente é um tanto complexa de ser discutida, uma vez que nos encontramos em tempos de “liquidez” (BAUMAN, 2001), no qual a durabilidade dos produtos que consumimos, das decisões políticas, das relações sociais e íntimas ficam cada vez mais efêmeras

Nossos corpos, como construções sociais e culturais, estão/serão/foram constantemente criados, afirmados e negociados em práticas sociais/discursivas. Tais práticas, em cada momento histórico a seu modo, promovem processos de subjetivação e identificação com as características pertinentes a cada tempo.

Os corpos “normais” e “aceitáveis” de cada período histórico pertencem a certas *formações discursivas* que perpassam inúmeros gêneros do discurso: “um fio tênue, mas tenaz, que atravessa e tece a teia das palavras e das imagens, um discurso ‘transverso’ indefinidamente iterado, que permite ‘enunciações as mais dispersas’” (COURTINE, 2013, p. 24).

Nesse sentido, os comentários a respeito da metáfora corporal de Viviany – adequada, inadequada, ofensiva, de resistência etc. – delineiam não só as identidades dos sujeitos que nesta situação se inserem, mas da própria Viviany, que através dos discursos de outros/as vai constituindo sua identidade.

Antes mesmo de nosso nascimento somos identificados, a partir de nossos órgãos genitais como meninos ou meninas. Ao longo do crescimento vamos experimentando o mundo, a linguagem, testando nossos corpos e gêneros (*gender*), identificando/nomeando aquilo que conhecemos.

Segundo Bakhtin, será a interação com o outro constituirá os indivíduos, uma vez que “a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (BAKHTIN, 2004. p. 35). Os processos de alteridade nas interações dialógicas possibilitam aos sujeitos o contato e, muitas vezes, a incorporação de vozes que circulam socialmente.

Os signos resultam do diálogo entre indivíduos socialmente organizados nos processos de interação. Os signos não existem apenas como parte da “realidade”, pois, também refletem e refratam outras, uma vez que há critérios de avaliação ideológica: o bom, o ruim, o verdadeiro, o falso etc. Nesse sentido, é possível afirmar que “os signos emergem e significam no interior das relações sociais” (FARACO, 2003, p. 48).

As interações sociais, deste modo, nunca se esgotam e, por estarem em permanente mudança, constituem as identidades dos sujeitos, os quais são constituídos por formações discursivas e ideologias oriundas de diferentes

discursos. A linguagem, a partir da ótica de Bakhtin, é dialógica, isto é, compreende a participação ativa e responsiva na linguagem pelos interlocutores, isso significa que as identidades sociais constituídas nas relações entre sujeitos também são essencialmente dialógicas.

### **A construção discursiva de gênero (*gender*)**

O conceito de gênero, configurado na década de 1960, questionou as diferenças sexuais entre mulheres e homens por meio das diferenças sociais, problematizando quais os fatores que os diferenciavam: corporais, sociais, culturais, discursivos etc.

Pensar em “gênero” (*gender*) significa considerar a feminilidade e masculinidade sem o peso inapreciável da biologia, de modo que Butler (2013), afirma o pertencimento da biologia à

Uma formação discursiva que atua como fundação naturalizada da distinção natureza/cultura e das estratégias de dominação por elas sustentadas. A relação binária entre cultura e natureza promove uma relação de hierarquia em que a cultura “impõe” significado livremente à natureza, transformando-a, conseqüentemente, num Outro a ser apropriado para seu uso ilimitado, salvaguardando a idealidade do significante e a estrutura de significação conforme o modelo de dominação (BUTLER, 2013, p. 66)

Isto é, pensar em gênero (*gender*) é considerar que a própria concepção de “naturalidade” é uma construção social que busca se enquadrar dentro de certos padrões comportamentais, o que torna a distinção entre natureza e cultura, social e natural cada vez mais complexa.

Desde o surgimento dos estudos de gênero (*gender studies*), variadas pesquisas de caráter antropológico contribuíram para essas discussões, à medida que apontaram que padrões ideais e/ou aceitáveis de feminino e masculino em determinadas sociedades eram, muitas vezes, eram opostos em outras.

Em relação à sexualidade, conforme observam Butler (2013) e Louro (2013), estamos habituados a associar sexo biológico a gênero (*gender*), e este por sua vez à sexualidade, de modo que nosso sexo determinará nosso gênero, e este, por sua vez, determinará nossa sexualidade. Nesse sentido, a pessoa que possuir um pênis, deverá ser considerada homem e, conseqüentemente, sentirá atração por mulheres (pessoas que possuem vagina). Esta “lógica” sexo-gênero-sexualidade em nossa sociedade é vista como “óbvia” e “natural”.

O “corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (WOODWARD, 2013, p. 15). Esta visão ocidental e individual do corpo como construção simbólico-discursiva, torna-o “uma fronteira viva para delimitar, em relação aos outros, a soberania da pessoa” (BRETON, 2007, p. 30). O ponto máximo de nossa individualidade é concretizado e demarcado pelos nossos corpos que, diferentes uns dos outros, não são capazes de ocupar “o mesmo lugar no espaço”.

Percebemos, contudo, que aquelas e aqueles que transgridem as fronteiras físicas e corporais são excluídos de certos dispositivos sociais/culturais/institucionais que se encarregam de isolá-los, colocando-os às margens sociais (LOURO, 2013). Nesse sentido, os discursos

na/da/pela cultura determinam padrões corporais, de modo que aqueles/as que estão “fora” são estigmatizados/as socialmente, vistos como “diferentes” e individualmente punidos/excluídos por não se enquadrarem nos moldes físicos e discursivos da “normalidade”.

Ainda hoje, os espaços reservados às mulheres e homens *trans\** no Brasil é a margem social, a exclusão e a ilegalidade. Estas circunstâncias levam estes/as sujeitos/as à carência de direitos básicos, como o direito a vida, em teoria garantido a todos/as os seres humanos pela constituição em voga.

Uma notícia específica sobre transexualidade foi veiculada no site IG – O Dia<sup>2</sup>, em 29 de janeiro de 2014 (Dia da Visibilidade Trans), a qual expõe que, segundo a organização internacional *Transgender Europe*, entre janeiro de 2008 e abril de 2013, quatrocentos e oitenta e seis (486) pessoas *trans\** foram assassinadas no Brasil. Este número possivelmente seja maior devido aos altos índices de subnotificações, isto é, os registros das mortes são atribuídos a outras causas.

Uma informação relevante divulgada pela ANTRA (Articulação Nacional das Transgêneros) mostra que 90% das mulheres transexuais e travestis se prostituírem no Brasil. Tal informação corrobora a dificuldade que pessoas como Viviany têm de ocupar espaços institucionalizados, de modo que possuem pouca ou nenhuma escolha. Tal

---

<sup>2</sup>Site: <<http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-01-29/brasil-lidera-numero-de-mortes-de-travestis-e-transexuais-aponta-ong.html>>  
Acesso em: 01/07/15.

contexto, situa a manifestação de Viviany Belebony na 19ª Parada do Orgulho LGBT em São Paulo.

Nesse sentido, nos cabe questionar: em meio a que discursos (formações discursivas) se constitui a identidade de Viviany como mulher *trans*\*?

### **O lugar de Viviany: a *trans*\* crucificada**

A ambiguidade do título deste texto foi propositalmente colocada, pois Viviany colocou-se como uma pessoa crucificada na Parada do Orgulho LGBTT como símbolo de resistência, ao mesmo tempo em que foi crucificada simbolicamente (ameaças de morte e perseguições) por se utilizar de uma simbologia considerada, por muitos, sagrada.

Se pensarmos que “entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário é necessário” (BENVENISTE, 1995, p.55) podemos construir algumas possíveis inferências sobre a identidade de Viviany, que desde sua juventude carrega as exclusões e todos os *prés*<sup>3</sup> como regra.

Da rejeição e expulsão de casa pela família, passando pelas inúmeras cirurgias plásticas, ressalvada a de redesignação sexual (não realizada, até o presente momento), os sofrimentos de rejeição emocional de sua condição de mulher *trans*\*, portas fechadas no mercado de trabalho assim que sua condição era revelada e luta diária para manter-se firme como ser humano que o é, sua identidade vem sendo construída no que Freud (2011),

---

<sup>3</sup> *Prés* como significação para preconceito, prejulgamento, prejuízos físicos e emocionais etc.

chamaria de luta permanente entre o consciente e o inconsciente e que constitui a vida psíquica do ser.

Os meios midiáticos, em conformidade com as discussões das temáticas que estão em evidência social, seguidamente se ocupam em questionar, problematizar, normatizar etc., questões relacionadas à *orientação sexual e identidade de gênero*. Nesses espaços, muitas vezes estas “categorias” são confundidas e pessoas *trans\**, as quais se reconhecem com um gênero diferente daquele que lhes foi designado ao nascimento - como Viviany - são reconhecidas apenas como uma “variação” de homossexuais.

O Brasil, como um país que carrega toda uma diversidade de discursos (dos mais dialógicos aos mais monológicos), possui uma população grande e diversa, com opiniões e posicionamentos variados, os quais acabam, por vezes, não permitindo que certas discussões, como as relacionadas à sexualidade e identidade de gênero, se desenvolvam.

No mês em que ocorre o Dia dos Namorados ainda este ano, uma empresa nacional bastante conhecida veiculou na televisão uma propaganda, intitulada “Toda Forma de Amor”, na qual havia inúmeros casais trocando os produtos da empresa, dentre estes casais heterossexuais e homossexuais. A troca de afeto dos casais homoafetivos na campanha midiática provocou uma enorme rejeição de vários segmentos sociais, desde pessoas sem maior envolvimento com a mídia, bem como as relacionadas a esta também.

As opiniões dividiram-se basicamente em dois blocos: os/as que estavam a favor da propaganda defendendo os direitos que constam na Constituição

brasileira e os/as que defendem unicamente a ideia da “família tradicional” que se constitui na união entre homens e mulheres (cissexuais, isto é, não transexuais). Tais opiniões, comuns em “casos” polêmicos no Brasil e um tanto opostas também tiveram reverberação na manifestação de Viviany.

Notamos que os discursos midiáticos que se apresentam colocam toda a luta de Viviany, mulher *trans\**, na seara do desconhecido revelando tão somente o que os olhos veem, sem as considerações relevantes e reais sobre suas batalhas. Após sua manifestação e a intensa quantidade de ameaças, a atriz decidiu abrir um processo judicial contra seus agressores. Chegando ao fórum o juiz presente, Marcos Roberto de Souza Bernicchi, escutou o depoimento de Viviany e, ao final, afirmou que quando alguém faz o que ela fez, esta pessoa já tem a intenção de chamar a atenção e indeferiu a ação.

Percebemos também, pela decisão do juiz, Viviany não é vista como “pessoa” com direitos comuns a todos. O silenciamento da reivindicação da ativista, por parte de alguém representante da lei, pode ser interpretado uma discriminação social institucionalizada, imposta como uma realidade “inevitável” para alguém como Viviany, a qual deve “sofrer calada” e precisa acostumar-se as agressões.

As leis expressam as normas que devem ser exercidas formalmente pelo Estado e há inúmeros segmentos sociais, tais como homossexuais, transexuais, mulheres, negros etc., que se sentem prejudicados por estas uma vez que – histórica e socialmente – constatam o silenciamento/apagamento de suas vozes.

Como, por que e para quê conceituar, rejeitar ou mesmo questionar a identidade de um ser humano que

luta dia a dia para simplesmente ter o direito de ser? Parece simples, não? Infelizmente não o é, uma vez que os devaneios e desmandos articulados pelos inúmeros *prés* fazem parecer que este ser humano seria “um monstro” e não uma pessoa biologicamente igual a todas as outras. Viviany, a modelo *trans*\* crucificada é discutida, ameaçada, perseguida, excluída, rechaçada porque se mostra como é, sem meias palavras.

Carnavalizou o que para alguns é “símbolo sagrado”, revelou-se na condição mais frágil que um ser pode estar, isto é, quase desnuda, apresentou-se cheia de propósitos de luta e foi incompreendida até por seus iguais. Teria Viviany, a primeira *trans*\* crucificada em desfile público, de forma identitária, protagonizado um “acontecimento discursivo”?

Esta é uma possibilidade bem viável, uma vez que todo o discurso está exposto ao equívoco, pois relaciona-se sempre com um discurso-outro que vem localizado temporal e historicamente. É desse equívoco discursivo eivado de memória que nascem possíveis interpretações, em que a alteridade social e histórica se revelam e podem “cambiar” culturas tradicionalmente enraizadas.

Nossos sentidos estão permanentemente inseridos em processos enunciativos com os mais diversos discursos, o que nos coloca em um jogo através dos quais os implícitos nos confrontam com o discurso do outro e vice-versa. Desta forma, Viviany colocou-nos diante de muitas formações discursivas, desde ao culto ao ódio até ao entendimento de seus propósitos.

Seu discurso, através de formas midiáticas distintas, revelou que:

O discurso não é um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe (...) só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço (PÊCHEUX, 1997, p. 56).

De forma que, chocante para alguns, instigante, reflexivo e plástico para outros Viviany nos proporciona possíveis investigações sobre as condições complexas a que um discurso se sujeita que são, ao mesmo tempo, da ordem da linguagem, da ordem da história e da ordem da social. Um discurso que fez emergir memórias, religiões, e a complexidade da existência do ser na simplicidade de seu existir.

E, quando Viviany, de forma pública e natural nos põe diante do signo da cruz e toda a sua simbologia, nada mais faz que nos coloca diante de um “espelho gigantesco” e totalmente dialógico, em que o que vemos traz junto nossas ideologias, crenças e afirmações, isto é uma imagem externa e, em tese, alheia a nós e que nos inquieta. É uma visão espelhada de (pre) conceitos e (pre) julgamentos em que na condição de seres humanos somos colocados frente a frente com “a imagem e semelhança de Deus” configurada com outras cores e conceitos e perplexos ou não, simplesmente

permanecemos dentro de nós mesmos e vemos apenas o nosso reflexo, que não pode tornar-se elemento imediato de nossa visão e vivenciamento do mundo: vemos o reflexo da nossa imagem externa, mas não a nós mesmos em nossa imagem externa; a

imagem externa não nos envolve ao todo, estamos diante e não dentro do espelho [...] De fato, nossa situação diante do espelho sempre é meio falsa [...] Seja como for, [...] não é uma alma única e singular que está expressa [...] (BAKHTIN, 2010, p.30)

Desta forma faz uma exposição social que nos proporciona reflexão, faz com que interagamos dentro e fora daquilo que temos como “nosso círculo social”, utilizando uma linguagem corporal e de significação universal provoca uma interação social de discussão expansiva/reflexiva e por que não dizer (trans)formativa.

### **Considerações finais**

A construção dos processos identitários de alteridade de Viviany, como de qualquer sujeito/a, não é algo simples e/ou para ser analisado, principalmente, de modo transparente. Como seres de linguagem, ao mesmo tempo em que refletimos um contexto, uma historicidade, uma cultura, a refratamos.

No entanto, percebemos que por mais diversos que sejam os discursos que perpassam a identidade social de Viviany o mais emblemático é o discurso cristão, justamente por ser este discurso que, por meio de sua *performance* corporal fissurada e crítica, Viviany problematiza. Este discurso cristão, quando institucionalizado (na situação do juiz, por exemplo), coloca esta militante *trans\** em uma posição de não-pessoa, alguém que não está apto aos direitos humanos básicos, constituindo-se em uma identidade fissurada.

A atitude de carnavalizar um “símbolo sagrado” do cristianismo veio também carregada de muitos julgamentos (e a até mesmo a ausência deste), de modo

que acarretou e acarreta, para aqueles/as que trazem em si a desconstrução como arma sofrimento. Na imagem da mulher *trans\** crucificada abrem-se as fissuras das alteridades explícitas e implícitas de cada ser discursivo, cada ser que olha e não vê, cada ser que olha e não crê, cada ser que sangrando das entranhas de seus preconceitos aliena-se no olhar sem enxergar da grandeza do ato, que por si só, grita escancaradamente que somos todos iguais

Sangramos diariamente na luta por igualdade, crucificados a velhas culturas sem percebermos que fazemos parte das novas culturas que se formam apesar de nós mesmos. O ser e estar neste mundo são maiores do que qualquer possibilidade conceitual identitária, mas, somente poderemos inferir em possíveis novas formas de ser se nos abirmos ao que sempre existiu e que ao mesmo tempo nos parece tão novo.

## Referências

BAKHTIN M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov, introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 5ª Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem** (1929). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11º ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BENVENISTE, E. As trilhas da escrita: a possibilidade de uma relação transferecial. In: SANTOS, H, ASSUNÇÃO, K. **Enunciação e discurso: língua e literatura**. Curitiba: Editora Prismas, 2013.

BRETON, D. L. **A sociologia do corpo**. 6ª. Edição. Tradução: Sonia M. S. Furhmann. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

COURTINE, J-J. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FREUD, S. O inconsciente e a dinâmica psíquica. In: BAKHTIN, M. **O freudismo** [tradução Paulo Bezerra] São Paulo: Perspectiva, 2014.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L., NECKEL, J. F., GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 28-40, 2003.

PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas (1983). In: GREGOLIN, M. **Formação discursiva, redes de memórias, e trajetos sociais de sentido: mídia e**

**produção de identidades.** Disponível em: <http://www.uems.br/padadi/rosario.html>. Acesso em: 04.07.2015.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Tradução Tomaz T. da Silva. *Identidade & diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 73-102.

## Zaratustra: o profeta carnavalizado

Fernando Vargas Vieira

### Para começo de conversa

Decidi, com este ensaio, falar sobre dois pensadores, a saber: Mikhail Bakhtin (russo) e Friedrich Nietzsche (alemão). Para isso colocá-los em diálogo, partirei do conceito de Carnaval em Bakhtin aplicado à obra “Assim falava Zaratustra” de Nietzsche para buscar uma resposta à seguinte pergunta: Teria em Zaratustra certo tom carnavalesco? Para tentar esclarecer esta pergunta, adentraremos no pensamento destes pensadores em busca de indícios que possam provisoriamente responder à questão elencada. Focarei, principalmente, na obra “Assim falava Zaratustra”, porém sem desconsiderar a voz de Nietzsche presente em outras obras. Este ensaio é pensado considerando um leitor que possui um certo conhecimento a respeito dos dois teóricos.

Estamos diante de dois pensadores que tiveram seu pensamento teórico desenvolvidos ao longo nos séculos XIX e XX, Nietzsche (1844-1900) e Bakhtin (1895-1975). Ambos, além de filósofos, eram filólogos e o fato de possuírem formação filológica foi fundamental para que pudessem construir seus pensamentos filosóficos da forma que fizeram.

Entre as principais noções do pensador russo estão a alteridade, o diálogo, a polifonia e o carnaval. Tais ideias foram criadas para dar conta de reflexões de ordem

teórico-literária, mas que são fruto de reflexões filosóficas que, conforme afirma Boukharaeva, (1997, p. 07) “são princípios fundamentais, critérios, categorias axiológicas que ainda devem ser realizados na pesquisa concreta”. Mikhail Bakhtin é o filósofo do diálogo, do encontro da vida com o outro e com o mundo. No fluxo contínuo da vida, nesse universo sempre inacabado é onde se situa a mais fundamental categoria do pensamento bakhtiniano, o diálogo. É através dele que o pensador russo vai tecer toda a sua filosofia. Na parede do quarto de Bakhtin assim estava escrito um poema de V.N.Voloshinov:

Um poeta e um filósofo aqui moravam

Nos dias rigorosos de inverno.

Muitas questões intrincadas

Nessa época eles solucionavam.

(V.N.Voloshinov, in Boukharaeva, 1997. p. 19)

É no rigoroso inverno russo, tanto no sentido climático quanto no político, que Mikhail Bakhtin construirá toda a sua filosofia.

Já Nietzsche é o pensador da desconstrução e cada tijolo constituinte na tradição do pensamento ocidental, desde os seus primórdios até a sua época, será por ele abalada a golpes de martelo. Ao fazer isso, toda e qualquer ética que se fundamente na tradição filosófica até então, é igualmente abalada. E Nietzsche assim procede por estar convencido que todo pensamento até agora, não fez outra coisa a não ser negar a vida em curso em nome de tudo que está além do alcance dela mesma. Uma ética estruturada em “ideais ascéticos” que se propõe universalizante e que exclui todos aspectos da vida

concreta acabando, assim, por negá-la completamente. A filosofia nietzscheana traz um pensamento afirmativo de vida que ultrapassa a razão e a verdade enquanto valores.

O livro “*Ecce Homo*” é uma autobiografia que traz apontamentos tanto da vida do pensador quanto de seus escritos filosóficos. Para Nietzsche, o mundo da vida e o mundo da teoria são um só, indissociáveis. O fazer filosófico é assim descrito por ele:

Derribar ídolos (a minha palavra para “ideais”)-isso sim é que faz parte do meu ofício (*Ecce Homo*, 2012. p. 19).

A filosofia assim como eu a entendi e vivenciei até agora, é a vida espontânea no gelo nas montanhas mais altas – a procura de tudo que é estranho e duvidoso na existência, de tudo aquilo até agora foi excomungado pela moral (*ECCE HOMO*, 2012. p.17).

Nietzsche vai em busca de tudo aquilo que a moral ocultou e erigiu com uma máscara de importância e seriedade para esconder a fragilidade dos seus pés de barro.

## **A carnavalização**

Tudo o que é profundo ama a máscara [...]  
(NIETZSCHE, 2005, p. 42)

No livro “*A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*”, Bakhtin traz ao mundo uma de suas mais importantes ideias filosóficas: a Carnavalização. Esta é uma teoria acerca da cultura do riso no universo popular na idade média e no renascimento. Bakhtin (2002), primeiramente, buscará os primeiros sentidos, da prima aurora do Carnaval.

À frente vêm homens vestidos de peles de animais que carregam todo um aparato culinário e doméstico. Em seguida outros homens trazendo cinquenta caixões sobre os quais estão empoleirados curiosos homenzinhos com enormes cabeças, segurando vastas cestas na mão. Depois dois etíopes com um cavalete de tortura sobre o qual o diabo suplicia um homem, enfiando-lhe agulhas de fogo no corpo. Em seguida vem uma multidão de mulheres a cavalo que saltitam sem cessar sobre as selas guarnecidas de pregos incandescentes; veem-se entre elas algumas mulheres nobres, algumas reais e vivas no tempo da visão. Depois avança o clero e, para fechar o cortejo, guerreiros envoltos em chamas (BAKHTIN, 1999, p. 343).

Esta descrição oferecida por Oderico Vital (apud, Bakhtin,1999), historiador normando do século XI, embora seja uma das primeiras descrições, já traz consigo elementos significativos sobre o carnaval. Profano e Sagrado, Céu e Inferno, Pobre e Rico, todos misturados. O teórico russo afirma que apesar da clara influência cristã deformando as imagens, essas ainda conservam certo tom carnavalesco. Mas o que seria esse “certo tom carnavalesco”? Ou nas palavras de Bakhtin (1999) “o caráter carnavalesco de certas imagens”. A figura grotesca do gigante incompatível com qualquer visão estética hegemônica na idade média; os homenzinhos empoleirados em caixões, significando princípio da vida e morte juntos, isto é, ambíguos; o corpo perfurado a fogo aludindo a purificação da carne. Estas e outras imagens são apontadas por Bakhtin (1999) como possuidoras deste caráter carnavalesco por serem elas inacabadas, fortemente constituídas pelo baixo corporal, pela carne, pela inversão de papéis culturais.

É no final da idade média e princípio do renascimento que Bakhtin (1999) identificará indícios da

carnavalização na cultura do final da Idade Média, em que a alta cultura e a cultura popular passam a ter um diálogo mais intenso tendo como influência a crise derradeira dos tempos medievais que ainda dominavam na cultura. Alguns pensadores da época perceberam que o único meio em que a cultura medieval não havia dominado por completo era o povo e a sua cultura. Esta que continha em si as imagens grotescas, a filosofia do riso e também uma forte crítica à cultura dominante.

Contrastando com a excepcional hierarquização do regime feudal, com sua extrema compartimentação em estados e corporações na vida diária, esse contato livre e familiar era vivido intensamente e constituía uma parte essencial da visão carnavalesca do mundo. O indivíduo parecia dotado de uma segunda vida que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com os seus semelhantes. A alienação desaparecia provisoriamente. O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre seus semelhantes. O autêntico humanismo que caracterizava essas relações não era em absoluto fruto da imaginação ou do pensamento abstrato, mas experimentava-se concretamente nesse contato vivo, material e sensível. O ideal utópico e o real baseavam-se provisoriamente na percepção carnavalesca do mundo, única no gênero (BAKHTIN, 1999, p.9).

Para Bakhtin o carnaval traz consigo um significado que vai muito além de uma festividade popular. É a festa na qual uma visão de mundo é manifestada. Um universo se torna livre das amarras hierárquicas do poder, da religião, das regras pré-estabelecidas pelo social. É o momento em que o povo experimenta uma total liberdade nas relações humanas e, desta forma, o profano, o carnal o baixo corpo toma conta como vontade de vida. O riso é a única regra no carnaval. É festa de Dionísio celebrado em toda a sua

significação ao baixo corpo. É o total desdém a Apolo e seu mundo sagrado, perfeito de ordem.

Bakhtin (1999) teve acesso ao universo carnavalizado da idade média através das obras de François Rabelais. Para o pensador russo, a obra de Rabelais possui uma “estética do realismo grotesco fortemente influenciada pela cultura popular. Uma estética construída a partir do cotidiano. Nesse contexto o corpo é o mundo e não parte dele, como afirma Daufenback (2008):

As imagens que se referem aos campos material e corporal em Rabelais são vistas por Bakhtin como parte de uma estética do realismo grotesco, herança direta da cultura popular e de uma visão estética da vida cotidiana que diferencia esta cultura das camadas superiores. Nesta visão, o corpo é indivisível do resto do mundo, assumindo um caráter positivo e regenerador. É justamente nas festas carnavalescas que este corpo é exaltado, liberto de suas amarras cotidianas (DAUFENBACK 2008, p.18).

Essa indivisibilidade entre corpo e mundo é fundamental para a vivência de uma experiência regeneradora, pois o que separa, o que distingue superiores e inferiores, santo e pecador não estão influenciando a vida carnavalizada.

### **Algumas características da obra “Assim falavam Zaratustra”**

“Assim falava Zaratustra” é uma obra de difícil caracterização. Muitas são as faces e igualmente as máscaras a ocultá-la. Friedrich Nietzsche percorre os mais variados estilos de escrita em toda a sua obra filosófica como nesse livro de Zaratustra em que isso se evidencia de forma

bastante clara. Muitos comentadores da obra de Zaratustra encontram dificuldades em definir um estilo à obra.

Quando concluiu a primeira parte de “Assim falava Zaratustra” Nietzsche escreve ao seu amigo e editor Peter Gast e afirma que a obra se trata de uma “espécie de pregação moral”. Posteriormente, volta a escrever ao amigo: “É uma poesia ou um quinto ‘evangelho (Hasse, 1984. P, 228.) Ou algo para o qual ainda não se tem nome.” A outro amigo confessou que sempre combatia em si o desejo de “poetar”. Porém, é inegável que o seu Zaratustra é um poeta como a personagem afirma:

Precisaria ser um tonel de memória para poder guardar todas as minhas razões. Bastante me custa guardar as minhas opiniões e mais de um pássaro me foge. E às vezes me acontece encontrar em meu pombal um pássaro estranho para mim, que treme quando pousa na minha mão. Que então te diria Zaratustra? Que os poetas mentem demais? Contudo Zaratustra também é poeta” (Dos poetas - Assim Falava Zaratustra, 2013, p.166).

Curt Paul Jans, importante biógrafo de Nietzsche, manifesta que um dos desejos do filósofo alemão era o de compor a obra de Zaratustra tal qual uma sinfonia, chegando a esboçar um projeto dessa obra em agosto de 1881, o que confirma o próprio Nietzsche ao falar de Zaratustra na sua autobiografia: “Zaratustra poderia ser atribuído inteiramente por conta da música.”(Ecce Homo,2012, p. 110) Jans (1985) também afirma que toda estrutura arquitetônica da obra de Zaratustra se assemelha a forma como é composta uma sinfonia clássica.

Na obra “Crepúsculo dos Ídolos” Nietzsche (2014) escreve um capítulo intitulado “O que devo aos antigos”. O filósofo menciona a obra de Zaratustra: “Em mim será

reconhecido, até em meu Zaratustra, uma ambição bem séria pelo estilo romano, pelo aere perennius.” Várias são as interpretações de estudiosos a respeito do livro de Zaratustra e inúmeras as definições de Nietzsche ao seu Zaratustra, que, posterior a sua escrita, o autor alemão vai citá-lo inúmeras vezes nas suas obras. Sempre a constatar uma peculiaridade diferente a sua criatura personagem. Parece mesmo que ele queria fazer jus ao que escreveu na obra “Além do Bem e do Mal” afirmando que tudo o que é profundo se esconde em máscaras.

### **Nietzsche, Zaratustra e a Carnavalização**

Camargos (2009) afirma que para podermos entender uma obra como carnavalizada é preciso perceber nela evidências de categorias de carnavalização e do corpo grotesco. Em busca de tais evidências que adentraremos principalmente em “Assim falava Zaratustra” e, quando necessário, em outras obras do filósofo Alemão.

Um dos primeiros indícios que se pode apontar sobre a carnavalização em Nietzsche se encontra em um dos adendos a obra *Ecce Homo*:

Entre todos os livros, uma de minhas impressões mais fortes vem daquele provençal petulante, Petrônio, que escreveu a última satura menippea. Essa soberana liberação da “moral”, do “sério”, e até mesmo do gosto sublime, esse refinamento na mistura do latim e do latim “culto”, esse indomável bom humor, que salta com graça e malícia sobre todas as anormalidades da alma “antiga” – eu não saberia mencionar um só livro que teve sobre mim uma impressão libertadora: o seu efeito foi dionisíaco. Em casos que tenho a necessidade de me restabelecer de uma impressão mesquinha - quando, por exemplo, devido à minha

crítica ao cristianismo tive de respirar por muito tempo o ar pestilento do apóstolo Paulo -, bastam-me, como remédio heroico, algumas páginas de Petrônio e de imediato volto a me sentir saudável (ECCE HOMO, 2012, p 160).

Aqui Nietzsche se refere à obra *Satíricon* escrita pelo Latino Petrônio. O autor elogia as características (aqui entendidas por mim como carnavalizadas) presentes na obra de Petrônio e descreve os efeitos que tal estética proporciona a ele enquanto leitor. A obra a qual Nietzsche se refere como “crítica ao cristianismo” trata-se de “O Anticristo” redigido em 1888 e tido como uma das mais terríveis marteladas ao cristianismo já feita. Para o filósofo que “escreve com sangue”, *Satíricon* foi agradável à saúde. A “*satura menippeae*” é um estilo influenciado pelo Filósofo cínico Menipo de Gadara que viveu por volta de 260 a.C. Esse estilo tem como principal característica a irreverência e a ironia.

Em “*Ecce Homo*” Nietzsche (2012) descreve o seu Zaratustra como um tipo que representa a “Auto-superação da moral”. Zaratustra veio para corrigir o “erro mais fatal de todos”. No prólogo, Zaratustra se apresenta como alguém que está trazendo a humanidade novas tábuas de valores. Uma nova tábua de valores e também um novo homem: o Além- Homem.

Eis, eu vos ensino o Além Homem. O Além-Homem é o sentido da terra. Assim fale a vossa vontade: para o Além-Homem tornar-se o sentido da terra!

Exorto-vos, ó meus irmãos, a permanecerdes fieis a terra, e não acreditar naqueles que vos falam de esperanças supraterestrres (Prólogo - Assim falava Zaratustra, 2013, p.15).

Em inúmeros momentos na obra Zaratustra há a manifestação de um dizer similar ao de um Apóstolo bíblico como nessa citação, porém ao invés de exaltar as coisas celestes, Zaratustra evoca as coisas terrenas. Zaratustra carnavaliza a retórica apostólica trazendo um tom zombeteiro à sua palavra. Através do Além-homem ele vem anunciar uma criatura livre das amarras que negam a vida.

O nome Zaratustra tem suas origens em outro nome parecido “Zoroastro”, profeta persa que possui uma história com inúmeras similaridades às de Cristo.

Em “Ecce homo”, Nietzsche revela a origem do nome Zaratustra:

O profeta persa foi o primeiro a cometer o erro da moralidade, ver na luta entre bem e mal o mecanismo da engrenagem do mundo, e, então Zaratustra deve ser o primeiro a corrigir o erro e a ensinar a auto-superação da moralidade (ECCE HOMO, 2012, p.146).

Qual seria a melhor forma de um Zaratustra, vindo de Zoroastro, cumprir a sua tarefa de transvalorar os valores da moral, se não na figura de um profeta que também é poeta, carnalizado? Qual a língua que um espírito desses haverá de falar? Ainda em Ecce Homo (2012) o alemão responde: A língua do Ditirambo. Ditirambo é uma forma de poesia e cântico que tem suas origens nos cultos ao Deus Dionísio “Sei como entoar o ditirambo, belo canto do senhor Dioniso, eu que tenho a mente fulminada pelo vinho” (Rutherford 2010). A mente fulminada de vinho não necessariamente alude à bebida, mas uma forma de pensar dionisíaca, na qual a alegria e o riso são importantes na construção de um

“pensamento saudável”. Bakhtin (1999) ao falar do grotesco diz o seguinte:

Na realidade a função do grotesco é de liberar o homem das formas de necessidade inumana em que se baseiam as ideias dominantes sobre o mundo. O grotesco derruba essa necessidade e descobre seu caráter relativo e limitado... O riso e a visão carnavalesca do mundo, que estão na base do grotesco destroem a seriedade unilateral e as pretensões de significação incondicional e intemporal e liberam a consciência, o pensamento e a imaginação humana, que ficam assim disponíveis para o desenvolvimento de novas possibilidades. Daí que uma certa carnavalização da consciência precede e prepara grandes transformações (BAKHTIN, 1999).

Zaratustra é o profeta do Além-Homem e o seu desejo é livrar o homem das muletas metafísicas que sustentam os indivíduos, essa vontade inumana em que se baseiam as ideias dominantes sobre o mundo. Por isso, primeiro o profeta deve alimentar o seu pensamento com ditirambos, deve orientar a sua filosofia ao riso e assim ele o faz.

Eu acreditaria somente num deus que soubesse dançar. Quando vi meu diabo, achei-o sério, metuculoso, profundo e solene: era o espírito de gravidade – ele faz todas as coisas caírem. Não com a ira, mas com o riso é que se mata. Eia, vamos matar o espírito de gravidade! Aprendi a andar: desde então corro. Aprendi a voar: desde então, não quero ser empurrado para sair do lugar. Agora sou leve, agora voo, agora me vejo abaixo de mim, agora dança um deus através de mim (Ler e escrever - Assim falava Zaratustra, 2013, p. 52).

Nas primeiras partes de “Assim falava Zaratustra”, o profeta criado por Nietzsche (2013) faz inúmeras alusões ao riso e à dança. É preciso salientar a concepção nietzschiana do riso. Em “Ecce Homo” o filósofo alemão,

no capítulo dedicado à obra de Zaratustra, vai inúmeras vezes mencionar Dionísio. Nietzsche (2012), após apontar aspectos da obra de Zaratustra, comenta repetidas vezes, “Mas isso é a ideia de Dionísio”. A partir disso é possível afirmar que o riso presente em Zaratustra é de forte influência dionisiaca. Não é ingênua essa frequência do riso em Zaratustra, como já foi dito, ele quer livrar o homem dessa seriedade que não se dispõe ao riso, que quer se impor a vida como sofrimento até a chegada de uma vida eterna. É pelo carnaval e seus caracteres que Zaratustra quer que o homem tenha a mente “fulminada pelo vinho”

O riso é uma grande expressão de libertação em Zaratustra e isso se mostra claramente em uma das passagens mais importantes da obra. Na terceira parte no capítulo “Da visão e do enigma”, Zaratustra vê um pastor a ser sufocado por uma terrível serpente negra que lhe envolvia o pescoço. Zaratustra, ao ver essa cena, fica terrivelmente assustado e parte em ajuda ao pastor. Após tentativa frustrada de arrancar a serpente do pescoço da vítima, Zaratustra grita desesperadamente para que o pastor morda a serpente. Atendendo o que lhe indicou seu ajudante, o pastor morde e se livra da terrível víbora:

Não mais um pastor, não mais um homem – um transformado, um iluminado que ria! Jamais, na terra, um homem riu como ele ria! Ó meus irmãos, escutei um riso que não era riso de homem – e agora me devora uma sede, um anseio que jamais sossega. Meu anseio por esse riso me devora: oh, como suporto ainda viver? E como suportaria agora morrer? (Da visão e do enigma - Assim falava Zaratustra, 2013, p. 206).

O pastor atacado pela serpente é uma visão que teve Zaratustra; mais à frente na obra é possível entender que o pastor é o próprio Zaratustra e que a serpente a envolver e sufocar-lhe o pescoço são todos os niilismos do mundo, todos os mecanismos de negação da vida. A se ver livre da negra serpente o pastor ri: “um iluminado que ria! Jamais, na terra, um homem riu como ele ria!”. Na quarta parte de Zaratustra é o momento em que ocorre uma carnavalização por completo da obra. Nesta parte no capítulo intitulado “Do Homem superior” Nietzsche faz uma ironia a respeito do seu tempo na medida em que Zaratustra fala de forma “bufônica” a respeito de “homens superiores.” Para elucidar esse capítulo e o seu tom carnavalesco é preciso evocar um outro trecho presente na obra nietzschiana “Além do Bem e do Mal” no capítulo “Nossas virtudes. No aforismo 223 assim fala Nietzsche:

Mas o “espírito” em especial o “espírito histórico”, divisa também uma vantagem nesse desespero: repetidamente, um novo pedaço do passado e do exterior é experimentado, vestido, retirado, guardado, sobretudo estudado – somos a primeira época estudiosa in puncto [em matéria de] “fantasias”, quero dizer morais, artigos de fé, gostos artísticos, religiões, preparada, como nenhuma época anterior, para o Carnaval de grande estilo, para a mais espiritual gargalhada e exuberância momesca, para a altura, transcendental da suprema folia e derrisão aristofânica do mundo. Talvez descubramos precisamente aqui o domínio da nossa invenção, esse domínio em que também nós ainda podemos ser originais, como parodistas da história universal e bufões do Senhor, quem sabe. Talvez se nada do presente existir no futuro, justamente a nossa risada tenha futuro (Além do Bem e do Mal, 2002, p.114).

Gary Shapiro (1989) afirma que ocorre uma mudança radical na quarta parte de “Assim falava Zaratustra” e chega a comparar essa última parte do livro de Nietzsche com o carnaval da idade média fazendo alusão às obras de Rebelais. Shapiro faz essa comparação devido a forma extremamente carnavalizada que a quarta parte possui.

Essa coroa do que ri, essa coroa de rosas, eu mesmo coloquei sobre a minha cabeça; eu mesmo proclamei que o meu riso era sagrado. Ainda não encontrei ninguém bastante forte para fazer outro tanto. Eu, Zaratustra, o dançarino, Zaratustra, o leve, que agita as suas asas, pronto para voar, cúmplice de todos os pássaros, ligeiro, ágil, em sua bem-aventurada despreocupação; eu, Zaratustra, o profeta Zaratustra, o risonho, nem impaciente nem intolerante, afeiçoado aos saltos, eu mesmo coloquei esta coroa sobre a minha cabeça (Do Homem Superior - Assim Falava Zaratustra, 2013, p. 368).

Aqui Zaratustra carrega nas tintas sobre si mesmo, um ser totalmente carnavalizado. Ser assim tem o seu preço, Zaratustra paga com a loucura. Tanto Nietzsche quanto Zaratustra apontam para o caótico homem moderno, falam de forma bufônica sobre ele. Zaratustra é a estrela bailarina que surge em meio a esse caos da modernidade denunciado por Nietzsche. Zaratustra é o profeta a pensar em ditirambos dionisíacos. Tal figura só poderia ter saído da mente de Nietzsche que se dizia aprendiz do filósofo Dionísio, que gostava da música de Schumann, compositor de sinfonias alegres com cenas de infância e carnaval. Nietzsche conjecturou o poder transformador da vida carnavalizada em seu Além-Homem anunciado por Zaratustra. Toda a obra do filósofo de Röcken está inteiramente impregnada de

diversas imagens carnavalizadas. O que apresentei aqui foi apenas uma tímida tentativa em forma de ensaio ao falar sobre essas figuras presentes na obra de Nietzsche.

Nietzsche classifica as suas mais importantes obras em duas partes, a saber: uma afirmativa (“A gaia ciência”, “Aurora”, “Assim falava Zaratustra”) e outra negativa (“Crepúsculo dos Ídolos”, “Além do Bem e do mal”, “Anticristo”). Essa divisão, segundo ele, se deve ao caráter que possuem as obras. As afirmativas dizem sim à vida, são “amorosas”; já as negativas é onde se situam as críticas pesadas. O riso, o deboche, a forma bufônica de falar está presente em todas elas em maior ou menor intensidade. A forma de escrever em aforismos também é uma forte característica do pensador alemão. Ele vai usar a sua forma de escrever como uma arma de combate, seja à academia ou à filosofia da forma como estas foram feitas até então. Aqui podemos perceber uma oposição à racionalidade de Sócrates e Platão. A Carnavalização em Nietzsche está na subversão, pois ele contamina a seriedade do mundo erudito, debocha dos pilares filosóficos erigidos pelos gregos e igualmente zomba dos pilares cristãos. Também zomba terrivelmente da moral Kantiana. Tudo isso é feito num teatro de máscaras, de rostos que ora surgem à luz, ora se escondem em aforismos. Ao tornar-se a sua escrita carnavalizada, ele denuncia sobretudo as metafísicas que retiram a vida do plano filosófico. O carnaval não pode ser pensado de forma racional, pois ele é a vida como ela é.

Em assim falava Zaratustra acompanhamos a longa trajetória do profeta. Não se trata de um douto de uma sabedoria superior aos homens.

Esse gênero de homem que concebe a realidade *como ela é*; ele é forte o bastante para isso –; ele não é a ela estranho, dela alijado; ele é *ela mesma*; ele também tem ainda em si tudo o que nela é terrível e questionável (ECCE HOMO, 2012, p. 150).

Logo, se é possível um homem que vai além do Homem, não é além da vida, da realidade como ela é que ele vai se constituir. A trajetória de Zaratustra é o caminho até se tornar o Além-Homem, mas para isso é preciso conceber a realidade como ela é. A carnavalização é necessária, pois ela transfigura a realidade, porém sem tornar irreal a existência. Para existir a carnavalização é preciso o oposto, é necessário o inimigo, é preciso que existam máscaras em mil faces, é necessário antes de tudo, reconhecer a existência da eterna luta de forças existente na vida, não pela moral castradora, mas pela vida carnavalizada. Zaratustra reconhece isso carnavalizando os homens por onde passa.

## Referências

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rebelais. Trad. Yara Frateschi Veira. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOUKHARAEVA, M. **Começando o diálogo com Mikhail Mikhailovich Bakhtin**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.

BRAIT, B. **Bakhtin**: outros conceitos chave/Beth Brait,(org) 2ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CAMARGOS, M. **Carnavalização**. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. Palavras e contrapalavras:

glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2009.

HAASE, M. **Der Übermensch in 'Also sprach Zarathustra' und im Zarathustra-Nachlass 1882-1885.** In: Nietzsche Studien. Vol. 18, 1984.

JULIÃO, J. N. **O ensinamento de superação em assim falou Zarathustra,** Tese (doutorado em filosofia) apresentada ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) da Universidade Federal de Campinas(UNICAMP), Campinas, SP, 2001.

JULIÃO, N. Assim falou Zarathustra como poema didático, **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 43-58, jan./jun. 2011.

JANS, P. **Nietzsche. Biographie.** tomo III **Les dix années du libre philosophe.** Printemps 1879 – décembre 1888. Trad. P. Rusch & M. Vallois. Éd. Gallimard NRF 1985, Paris.

MACHADO, R. **Zarathustra, tragédia nietzschiana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro.** Trad., notas e posfácio Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo.** Trad. Jorge Luiz Viesenteiner. Petrópolis, RJ: Vozes 2014. NIETZSCHE, F. Assim falava Zarathustra. Trad. Paulo César de Souza. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo:** de como a gente se torna o que a gente é. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L &PM, 2012.

NIETZSCHE, F. **Humano, Demasiado Humano**. Um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, F. **O Anticristo: maldição contra o cristianismo**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.

NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral**. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

NIETZSCHE, F. **O Anticristo: maldição contra o cristianismo**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.

OLIVEIRA, J. **Nietzsche e o elogio das ilusões: uma estratégia de combate à metafísica**, Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 9-29, jan./jun. 2012.

RUTHERFORD, I. **Canonizing the Pantheon: the Dodekatheon**. In Greek Religion and its Origins. In: BREMMER, Jan N. & ERSKINE, Andrew (eds.). The Gods of Ancient Greece: Identities and Transformations. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.

SHAPIRO, G. **Festival, parody, and Carnival**. In Zarathustra IV. In: GOICOECHEA,

D. **The great year of Zarathustra (1881-1981)**. London: University Press of America, 1983.

SHAPIRO, G. **Nietzschean narratives**. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

VIESENTEINER, J. **Nietzsche e Sade: A paródia como estratégia literária nômade**. Rev. Filos., v. 18 n.23, p. 33-52, jul./dez. 2006

## **A história em que estamos embebidos: o GEBAP e a roda bakhtiniana no Pampa**

Nathan Bastos de Souza  
Cátia Cilene Pinto Diogo  
Rebeca Kerou Teliz Goulart  
Rosiane Gonçalves dos Santos Sandim

Daí que uma certa “carnavalização” da consciência  
precede e prepara sempre as grandes  
transformações, mesmo no domínio científico.  
Mikhail Bakhtin

Para iniciar nossa reflexão, é preciso localizar de onde falamos. Este ensaio trata justamente de narrar a constituição do nosso grupo bakhtiniano, de seu início até o momento (2013). Se partirmos do texto da epígrafe teremos que considerar que inclusive no domínio científico - lugar em que estamos - a carnavalização da consciência precede e prepara as grandes transformações (esta que narramos pode ser uma delas). Esta é uma ideia que traremos no decorrer do texto: a roda bakhtiniana que fazemos rodar no pampa é alimentada pela visão carnavalesca do mundo, estamos tentando discutir o poder hegemônico produzindo ideologia do cotidiano, invertendo os padrões hegemônicos.

O GEBAP - Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa - foi fundado em 2011, com a chegada de dois forasteiros nas bandas dos pampas do Rio Grande do Sul. Eles dois pensaram ser importante ter por perto um grupo

de sujeitos que os ajudassem a refletir com Bakhtin. Com isso em mente, realizamos encontros quinzenais, nos quais discutimos esta obra instigante para o universo das ciências humanas. Da abertura oficial do grupo, em uma apresentação oficial dos projetos de pesquisa aos alunos da graduação em Letras da UNIPAMPA naquele ano, até hoje, a roda bakhtiniana rodou bastante. Hoje somos outros: enriquecidos pelo(s) diálogo(s).

Já faz algum tempo que estes dois forasteiros - pouco peculiares - chegaram cavalgando lentamente pela avenida principal da cidade. Sob os olhares atentos e desconfiados de uma população pouco acostumada ao movimento de estranhos por suas ruas, eles fitavam cada construção, cada janela que ocultava um morador assustado à espreita, cada beco. Traziam no rosto e na bagagem as marcas do tempo e a poeira dos desertos que cruzaram.

Ele, magro, alto, com um olhar tão rápido quanto o bote de uma víbora das montanhas rochosas. Seu nome... *Jack Buena Onda*. Um cavaleiro que já havia percorrido as mais longínquas planícies platinas na sua busca incansável pela justiça das palavras, no enfrentamento das letras.

Ela, loira, de presença e estatura acima das mulheres que aqui habitavam, com sua trança de cabelos claros como o sol, jogada sobre seu ombro esquerdo, para que não atrapalhasse sua visão no momento que precisasse mirar e disparar sua arma de palavras bem colocadas. *Jane Ocelote* era seu nome.

À cintura ambos carregavam dois belos e ornados coldres, onde estavam suas pistolas rápidas e mortais, marca BIC. Sob o chapéu, traziam a sabedoria e o

conhecimento, outrora aprendido, pelas andanças e duelos em outros condados, contra a tirania daqueles que insistiam em manter o pensamento aprisionado à vida monótona e simples dos ensinamentos repetitivos (vida monológica, por assim dizer).

Soube-se, algum tempo depois, que estes forasteiros eram discípulos de um mestre russo, nascido em uma terra distante, onde o vento não movia os cotões de feno e o sol não secava as já escassas fontes de água, de uma terra gelada e coberta de neve, onde o sol pouco aparecia e os duelos eram travados contra o pensamento estagnado e atrasado. Lutava-se com palavras. Em muitas vezes, o mestre teve de mascarar-se para dizer, mas, ainda que sob a máscara não perdeu sua vontade - ética - de dizer, de lutar no signo com suas palavras envoltas de ideologia. Volochínov (2013) (um dos parceiros do mestre, um dos seus outros) trata da realidade humana - presente na luta de palavras - essencialmente envolvida pela linguagem, como uma atividade na qual:

A realidade efetiva na qual o homem real vive é a história, este mar eternamente agitado pela luta de classe, que não conhece quietude, não conhece paz. A palavra ao refletir esta história, não pode não refletir as contradições, o movimento dialético, a sua constituição (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 196).

Assim sendo, este mar agitado eternamente pelas lutas que se dão no signo nos serve para que compreendamos o movimento que fizeram os forasteiros ao chegarem nestes confins: trouxeram as palavras deste mestre da distante Rússia e com ele trataram de dialogar.

O mestre (e seus outros) não foi (foram) impedido(s), nem pela distância tampouco pela política que chegar por

aqui nas bagagens dos viajantes. Nada disso impediu - depois de aberto aquele país longínquo para o mundo e é claro, da abertura dos manuscritos em pergaminhos velhos e encarquilhados - que esse mestre ousasse ultrapassar - com suas ideias - os limites de seu território e espalhasse seus ensinamentos pelos vales gelados, passando pelas florestas sombrias e úmidas daquele velho continente até chegar a este vilarejo encravado no meio do nada. Esse grande mestre chamava-se Mikhail Bakhtin.

E o que estes forasteiros encontraram ao chegar à cidade? O *saloon*, impregnado pela fumaça dos charutos dos pseudo-aristocratas, onde a tradição era manter a conversa focada nos problemas locais: a saber, a falta d'água, a criação de gado, senhor fulano que morreu, e por aí vai. Nenhum assunto novo se trazia à tona, pois o xerife gostava de manter as coisas sob seu rígido controle, e ele mesmo se encarregava de anunciar à população toda e qualquer novidade que fosse de interesse popular (ou de seu interesse?).

O *cofee*, construído em madeira, com grandes janelas envidraçadas, ficava também na rua central e era frequentado por parte da população que gostava de um ambiente diferente do *saloon* e de conversas um pouco mais voltadas ao seu interesse. E lá os assuntos não eram diferentes, falava-se do filho do Senhor Beltrano que havia comprado uma charrete 0 km; que o neto do Dr. Cicrano ostentava botas novas, marca NIKE; ou ainda, que a filha da Senhora Fulana de Tal (os sobrenomes são - ou eram - relevantes para as gentes daquelas paragens) iria participar do baile chamado *Glamour Girl* que seria realizado no Salão da paróquia, que por sua vez ostentava, em letras garrafais na sua fachada: "Jesus

Cristo é o Senhor”, juntamente com uma pintura do pastor com um grande chapéu de cowboy.

A escola... Ah! Esta ficava em um casebre, no final da rua - longe da cidade letrada – quase atrás da funerária. A fama era de que a mais antiga professora do condado dava aulas ali. A senhorinha ostentava o mais tradicional dos métodos: com sua forma arcaica e obsoleta de ensinar, não permitia, por menor que fosse a possibilidade de qualquer aluno pensar em algo diferente daquilo que fora ensinado por ela. Ela dizia, orgulhosa, parafraseando outra famosa professora, “- *Por favor, copiem quatro vezes para garantir o maior aprendizado*”.

As casas eram simples e as ruas esburacadas e poeirentas. Salvo, é claro, as casas da aristocracia que frequentava o *saloon* e o *cofee*, estas, de qualidade visivelmente superior, visto que pelo apoio desta gente que o xerife se mantinha no poder.

Os forasteiros desmontaram de seus cavalos e dirigiram-se para a estalagem, na qual iriam acomodarse. Souberam, desde a sua chegada ao povoado, que sua estada ali seria de plena luta - uma verdadeira arenga, luta com palavras - e sabiam que suas ideias levariam um bom tempo para serem compreendidas pelos poucos estudantes, até então acostumados à velha escola, à idosa professora, à retrograda maneira de pensar ali presente baseada na hierarquia dos nomes dos fulanos que eram donos de terras e mandavam na cidade por isso.

Mal eles tiveram tempo de sacudirem do corpo a poeira da estrada e foram abordados pelo xerife que, insistia em saber qual a finalidade daqueles dois forasteiros instalarem-se na cidade. Viemos – disseram eles – trazer o pensamento em sua mais pura essência,

mostrar ao povo que existem outras formas de dialogar com o mundo, de interagir com as ideias e de viver a alteridade. Viemos até aqui – falou *Jack Buena Onda* – pois soubemos que uma nova escola será inaugurada neste povoado e se juntará a já existente fundação de ensino.

O tempo foi passando e os forasteiros, agora mais integrados com os costumes locais, foram recrutando, a cada dia, mais adeptos às ideias do velho mestre russo. Alguns, que estavam até então parados no tempo, decidiram entrar nesta nova escola, sobre a qual nada sabiam e descobriram que nada eram, onde se depararam com estes novos pensadores. Não foi preciso o recrutamento, pois os próprios ofereceram-se para participar do círculo de novas ideias, baseadas nos ensinamentos do mestre nascido nas terras geladas, Bakthin.

Jane e Jack que carregavam em seus cinturões balas carregadas para pelear por uma terra mais dialógica, na qual as palavras se tornassem espaço de encontro entre interlocutores, travaram (e ainda travam) muitas batalhas para vencer o silêncio. Naqueles pampas, os ventos eram movidos pela quietude, tudo era aceito. É como se a força das palavras não fosse aceita, não se poderia questionar nada por ali. Outra visão era sentida pelos habitantes como um vento minuano, daqueles que só espalham os cabelos das senhoras aristocratas, algo incômodo. Aos poucos os ventos bakhtinianos sopraram naquelas planuras.

Tal ventania influenciava nas vivências e pensamentos dos indivíduos que compartilhavam suas falas no grupo. Cada um vinha constituído do seu passado – ao passo que os forasteiros não limpavam suas botas ao pisar nestes rincões – nem os nativos do pampa podiam abandonar a história de sua peregrinação pelos

caminhos poeirentos da vida. O passado nos constitui como indivíduos, mas também fornece condições de transformação.

O hoje do GEBAP está refletido nos caminhantes que já se encontraram com a nossa roda e a de Bakhtin, cada um de nós chegou com histórias contidas e não contadas (GERALDI, 1997). Paramos por um tempo nossa caminhada, e nos sentamos com Bakhtin para escutar as suas palavras e depois começamos a dar nossas contrapalavras. Passamos assim a refletir sobre a vida social com os novos óculos, olhando a linguagem em sua história, seja a deles como sujeitos ou as dos outros. Com as malas cheias fomos falando de nossas dúvidas, escrevendo-as, como também as afirmações, ou seja, vivendo em movimento. Sem abandonar a influência que o passado faz na vida do sujeito: somos constituídos daquilo que fomos antes, não se pode apagar o passado. Estamos imersos nele. Quando nos levantamos da roda já não éramos os mesmos. Seguimos nossas andanças, mas agora modificados, reconstruímos o ontem, para sermos mais críticos nas escolhas destes novos dias. Ao nos vermos num espelho, podem até passarem despercebidas as diferenças que a relação alteritária nos deu, mas o excedente de visão sai com novos sentidos, nova aparência ao que um dia já fomos.

Toda relação é uma arena, em que a poeira é movimentada nos momentos mais desconfortantes da vida. A poeira do chão erguia-se por causa das palavras movidas, já que a temporada era de seca, faltavam as chuvas. No bailado compassado dos duelos com palavras a poeira se levantava do chão e passava a constituir os sujeitos em embate no signo. Os sentidos foram

(res)significados, fazendo com que as antigas certezas, as quais estavam aquietadas no tempo, fossem repensadas e problematizadas, graças a estes forasteiros que por onde caminhavam deixavam as marcas de suas botas, não andavam passivamente, arrastavam suas grandes esporas conhecedoras das mais longínquas terras. Tais encontros de palavras desacomodavam aos poucos os nativos. Uma verdadeira luta de transformações em cada ato de ouvir e responder ao que líamos e vivíamos. As ideias estagnadas naquelas terras foram movidas por alternativas diferentes de compreender a sociedade.

Quando tratamos do passado, de perceber a história para repensarmos o presente e o futuro, retomamos o Círculo Bakhtiniano e notamos que suas vidas foram marcadas pelas arenas de palavras. Eles lutaram por novas significações, por algum tempo foram silenciados, mas o poder das palavras não consegue se calar eternamente. Agora, com o GEBAP e a nossa roda pampeana já temos alguns nativos daqui que, somados a Jack e Jane - os forasteiros -, têm discutido a arquitetura bakhtiniana. Nossa diversidade enquanto grupo é grande: forasteiros e nativos do pampa dialogam sobre a vida. Nosso amanhã, ainda incerto, será construído com o hoje. Estas palavras que soltamos ao ar voltarão, com novos sentidos. Deste modo, refletiremos a partir destas palavras soltas aqui, buscando sentidos já extraviados nas imensidões verdejantes. Esta é a nossa roda, sempre em movimento. Sempre estamos dispostos a dar espaço e tempo para que o outro nos anteponha uma contrapalavra.

Durante a caminhada destes forasteiros iniciaram várias mudanças, e assim novos pensamentos foram

surgindo. Descobrimos – aprendizes em tudo – a Carnavalização, a qual pelo senso comum, somente era vista na tradicional festa do povo brasileiro (Carnaval), mas esta visão construída neste território foi ampliada. Com muitas leituras vimos que o ato de carnavalizar está mais presente do que se pensava.

A partir das palavras do nosso mestre Bakhtin (e do seu Círculo - os mascarados ou *mascaradores*) podemos compreender a carnavalização como a inversão e a renovação de signos. Carnavalizar é alimentar e ofertar novos sentidos à vida, fazemos isso como grupo, desde o momento em que nos permitimos colocarmo-nos à escuta destes peregrinos (daqueles que trouxeram para estes pagos as ideias bakhtinianas, daqueles que viviam aqui e fazem parte deste universo circundante em formação e de outros inumeráveis, incontáveis outros). A revolução bakhtiniana é a revolução da escuta responsável, assim que se invertem os polos das discussões filosóficas contemporâneas com Bakhtin: à medida que escutamos o outro, nos permitimos sair dos limites da identidade - que é uma armadilha mortal (PONZIO, 2011).

Tal dialogismo - implícito na ideia da roda bakhtiniana - vai além de dialogar, já que nos permite o intercâmbio de experiências, mesmo que muitas vezes não signifique concordância absoluta. Os encontros são oportunidades para reflexão pessoal e em conjunto, é neles que podemos trazer à tona diversos questionamentos, mesmo os mais íntimos. De modo muito harmonioso (lembrando o coro de vozes da polifonia bakhtiniana), está presente nestes momentos um verdadeiro *ballet* de ideias e indagações. Tantas cabeças pensantes de sujeitos questionadores. Estamos

sendo contemplados com um tipo muito especial de riqueza: o aprendizado do “eu” com o “outro” “tu”, da potência de, no diálogo, sairmos enriquecidos com a relação *alteritária* que mantemos.

O ato de interação (esta ação entre duas pessoas), existe mesmo onde está presente a discordância e o confronto. Este é um dos argumentos valiosos de Bakhtin:

[...] dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos, revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.). Qualquer resenha da história de alguma questão científica (...) realiza confrontos dialógicos (...) entre enunciados de cientistas que não sabiam nem podiam saber nada uns sobre os outros (BAKHTIN, 2010, p.331).

Assim como a leitura de um texto, essa espécie de diálogo permite recuperar memórias e fatos provocando e movimentando “eu” e “outro” nesta busca pelo enunciado outro, pela palavra outra. É no momento que o outro me provoca a responder que ele me convoca eticamente a produzir sentidos, me convida para pensar em questões futuras - memória de futuro. Esta alteridade é que me dá a oportunidade da escuta responsável, da contrapalavra que é inalienável ao outro, me livra da armadilha de ser apenas “eu” enunciando. É deste jeito que o outro confere aos envolvidos no diálogo - na roda bakhtiniana no pampa - o privilégio ímpar de conhecer aquilo que lhes é estranho, aprofundar-se nisso e ainda tirar proveito para suas próprias vivências. É o outro que completa minha visão eternamente deficiente sobre mim mesmo, diria o velho mestre russo. E é assim que ocorre

nos encontros do GEBAP. Cada experiência proporciona ir além de uma simples conversação face a face marcada pela conformidade e consentimento.

A cada encontro refletimos sobre as certezas já estabelecidas - tratamos é de colocar perguntas à ideologia oficial - partimos de dúvidas, de questionamentos observados do dia a dia, vamos construindo novos significados a partir da ótica bakhtiniana, invertendo padrões em nossas escritas e falas. Vamos assim virando a lógica acadêmica comum: transgredindo os padrões, furando os pacotes pre-dados. Do nosso cotidiano dizemos quem somos e é sendo assim, singularmente constituído pela alteridade, que o GEBAP vem constituindo esta identidade de grupo, mas uma identidade movente, fluída, líquida.

A atitude pioneira dos forasteiros que aqui chegaram foi essencial para que se pensasse diferente. O outro completa nossa visão essencialmente fragmentada pela ignorância que temos de nosso próprio aspecto. Isto é, sem o outro não sou. A presença do GEBAP, constituída por distintos interlocutores vindos de variadas regiões destes campos, com suas malas cheias de experiências e cada uma delas sendo renovada a cada diálogo, demonstra que estamos aqui para renovarmos sentidos e valores. O que faz do grupo um *carnevalizador* do sério e amorfo mundo acadêmico é justamente esta abertura para a voz alheia.

Antes dos amigos visitantes (e do diálogo com sua “mala de garupa” bakhtiniana), estes pampas eram observados de maneira mais fechada, sem olhar além das convicções (monológicas), sem contar com a vontade de dialogar, de agregar peregrinos, de escutar o outro! Hoje

acreditamos que isso mudou. Podemos dizer que o nosso pampa é mais inacabado, é transformado a partir do momento que os membros do grupo compartilham suas leituras de mundo com os outros, além das paredes impostas pela academia. É este pampa que nos serve de pano de fundo que nos faz assim, que nos deus as condições específicas para a criação de um grupo como este, mestiço por natureza, que dialoga com Bakhtin (e seus outros) a partir do cotidiano.

A marca do acolhimento evidente ali é instigador e propaga um tipo de influência recíproca tão contagiante e surpreendente quanto os campos verdes carregados de margaridas amarelas sacudidas pelo vento, ou ainda como a geada que embeleza estes mesmos campos nas manhãs gélidas do inverno pampeano.

É muito provável que cada sujeito que por ali passar, sairá modificado ou transformado. Fatalmente não será mais o mesmo. Como dito: “Quem conta um conto, aumenta um ponto, mas não distorce o conto”. Este é o lugar em que pensamento e dúvida se multiplicam em função da grande revolução originada pela presença destes forasteiros.

Na roda bakhtiniana dos pampas não existe espaço para algum “topete”, todos são parceiros engajados no desbravamento da teoria dialógica de Bakhtin nessa relação dialógica que contribui para o desenvolvimento e amadurecimento enquanto sujeitos. As diferentes experiências de vida ou mesmo acadêmicas não servem como justificativa para que alguém se destaque sobre outros. Não é porque há diferentes pessoas com caminhadas acadêmicas distintas que se sobressaíam uns e não outros. Estamos para o diálogo como iguais, somos

sujeitos na linguagem e por ela temos o poder da palavra. Nenhum de nós pode levantar sua voz do coro, seja lá quem for, estamos na roda por que ela permite essa visão des-hierarquizada, pois a beleza do coro está na sincronia dos mais variados tons e timbres. Sim, a prática e experiência no decorrer desses últimos anos leva a crer que tais pessoas - os bakhtinianos do pampa - não pretendem parar, a menos que seja para pensar!

Hoje, depois de a geada branquear os telhados da nova escola por quatro anos, o GEBAP é um grupo constituído de gentes diferentes entre si, com histórias por contar, de pessoas com visões de mundo carregadas de sentidos. Todos preparados para propor uma palavra ao outro que desloque a sua visão, com seu excedente de conhecimento em respeito a nós. Cada um dos sujeitos que foram angariados na caminhada que os forasteiros iniciaram em 2011 foi dialogando com Bakhtin e seus parceiros russos a partir do seu lugar. Com o pampa como cenário podemos desenvolver uma reflexão com esta filosofia da linguagem tão peculiarmente constituída. O GEBAP, em sua base, se constitui de uma roda de sujeitos interagentes, de pessoas que se encontram não apenas para discutir teoria, mas para discutir a vida, pois o velho mestre não distanciava uma da outra. Em outros termos, é com as lentes bakhtinianas, de sua destilada filosofia, que buscamos no passado as respostas para compreender o presente em construção e projetar um futuro de muitos anos de roda bakhtiniana no pampa. Assim, narramos a história em que estamos embebidos, como caminhantes que entramos no grupo em andamento, uns mais cedo, outros depois... Até este momento (2013) sabemos que cada um de nós, em nossa singularidade, constitui uma

peça essencial na roda bakhtiniana do pampa, mas outros virão e chega a hora de passar a palavra a eles.

## Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins fontes, 1997.

GIOVANI, F. CAMARGOS, ML. CORREA, J. PERES, L., GONÇALVES, C. VIEIRA, F **GEBAP (Grupo de Estudos Bakhtinianos Do Pampa):** nosso círculo bakhtiniano na contemporaneidade – nosso compromisso político a través de uma produção estética. IN. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe. IV CÍRCULO – Rodas de Conversa bakhtiniana: nosso ato responsável. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

GIOVANI, F. CAMARGOS, ML. CORREA, J. PERES, L., GONÇALVES, C. BAZERQUE, R.; COELHO, B. CORREA, J. SOUZA, N.B.; MARQUES, T.; VIEIRA, F. **Quem conta um conto, aumenta um ponto, mas não distorce o conto...** IN. Kátia Regina Franco; Luciano Novaes Vidon; Vivian Pinto Riolo [Orgs.]. **II Encontro de Estudos Bakhtinianos. Vida, Cultura, Alteridade. [Encontro Bakhtiniano com a Vida, a Cultura e a**

**Alteridade. EEBA/2013-Caderno 1].** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

GIOVANI, F. SOUZA, N.B. CAMARGOS, M. COELHO, B. **O riso, a profanação e o encontro de vozes na praça pública: carnaval(ização) em Lavras do Sul (RS).** IN. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe. **V CÍRCULO – Rodas de Conversa bakhtiniana: praça pública, multidão, revolução, utopia.** Sao Carlos: Pedro & Joao Editores, 2014.